

# **MÚSICA, MEMÓRIA E CONVERSA: Quando a EJA toca fundo**



Roberto Eduardo Albino Brandão  
ORGANIZADOR



Roberto Eduardo Albino Brandão  
ORGANIZADOR

# **MÚSICA, MEMÓRIA E CONVERSA:**

Quando a EJA toca fundo

Livro Eletrônico

Rio de Janeiro - 2025

Copyright © 2025 Os autores

Disponível em: <https://roberto.bio.br/blog/?p=571>

Editor: Roberto Eduardo Albino Brandão

Projeto Gráfico e diagramação: Roberto Eduardo Albino Brandão

Consultoria: Maria das Mercês Navarro Vasconcellos

Capa<sup>1</sup>: Roberto Eduardo Albino Brandão

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Música, memória e conversa [livro eletrônico] :  
quando a EJA toca fundo / organização Roberto  
Eduardo Albino Brandão. -- 1. ed. --  
Rio de Janeiro : Ed. dos Autores, 2025.  
PDF

Vários autores.  
ISBN 978-65-01-79582-9

1. Educação de Jovens e Adultos 2. Histórias  
de vidas 3. Memórias 4. Música 5. Narrativas  
pessoais I. Brandão, Roberto Eduardo Albino.

25-315680.0

CDD-305.26092

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Histórias de vida 305.26092

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

A versão eletrônica desse livro não contou com apoio financeiro de nenhuma instituição para sua realização.

---

<sup>1</sup> Foto do muro do Ceja Maré, que evidencia a caricatura do Sr. José, contrastando com a paisagem semiárida nordestina em segundo plano.

## **AGRADECIMENTOS**

À Direção do Ceja Maré pelo apoio operacional;

À Professora Luciana Getirana que foi a primeira a sugerir o registro desse trabalho;

Ao Professor Luiz Paulo da Silva por não esquecer de incluir todos/as;

À Professora Maria das Mercês Navarro Vasconcellos por toda consultoria, colaboração, incentivo e companheirismo na construção da educação crítica-emancipatória e do poder popular.

*"Somos a memória que temos  
e a responsabilidade que assumimos.  
Sem memória não existimos,  
sem responsabilidade  
talvez não mereçamos existir."*

*José Saramago*

## SUMÁRIO

Prefácio.....	1
Para início de conversa.....	3
Músicas:	
Pau de Arara.....	10
Légua Tirana.....	13
O Cheiro da Carolina.....	16
Iracema.....	19
Asa Branca.....	22
O vendedor de caranguejo.....	25
Algodão.....	30
A Vida de Viajante.....	33
No Ceará Não Tem Disso Não.....	39
Último Pau de Arara.....	43
Juazeiro.....	46
O Xote Das Meninas.....	50
Cidadão.....	53
Aquarela.....	58
Falso Patriota.....	65
Maria, Maria.....	68
Eu Vou Curar.....	72
Trem-Bala.....	78
Coração de Estudante.....	82
Asas para a Eja.....	85
Para continuar a conversa.....	87
Autores.....	89

## Prefácio

*Maria Helena Neves<sup>2</sup>*

*MÚSICA, MEMÓRIA E CONVERSA: Quando a EJA toca fundo, como qualquer outro livro, conta uma história: costura sonhos, orchestra memórias, aquece o coração.*

Sem qualquer tipo de revisão ortográfica ou censura conceitual, o livro, ao manter o tom e o ritmo das narrativas, preserva, conseqüentemente, o sentido das vozes e as narrativas dos estudantes e reúne, em suas linhas e entrelinhas, os sentimentos que alicerçam e fortalecem os nossos estudantes.

A história desse livro passa por muitas fases: a sensibilidade e delicadeza de olhar, ver e sentir de um professor, o recomeçar, o rememorar, o surpreender, a memória, o afeto e a liberdade para se aplaudir o espontâneo. As fases não se sucedem exatamente nessa ordem, mas, aleatoriamente, ao gosto da inspiração de todos e de cada um. Se revelam e se atravessam, descortinando maravilhosos, emoções e espontaneidades genuinamente humanas.

Inspirado pelo acolhimento, de todas as manhãs, do vibrante e agregador - “A praça é nossa” - do Sr. José, estudante de 89 anos na EJA, o professor Roberto Brandão, mestre das ciências, discípulo da

---

<sup>2</sup> Mãe, avó, arquiteta, urbanista e professora de artes da rede pública de ensino. Atua, há 18 anos, na gerência de educação de jovens e adultos da Prefeitura do Rio de Janeiro.

poesia e regente da Educação de Jovens e adultos, resolve organizar este livro-poesia.

Ao atribuir sua autoria, exclusivamente, aos estudantes praticantes da “praça”, o professor deliberadamente se afasta e cede a palavra e o protagonismo literário àqueles que, na obra, construíram, ressignificaram e reconstruíram suas memórias a partir das audições e leitura sensíveis das músicas de nosso cancionário popular, delicadamente selecionadas e indicadas por todas e todos. Estrofes, estas, que tocarão, também, as memórias de cada leitora, de cada leitor.

Maestro caprichoso, Roberto afasta as atenções de si mesmo, priorizando revelar a preciosidade do conjunto sem, contudo, deixar de dar destaque às particularidades dos relatos individuais. Relatos que, ao tocarem nossa alma, nos transportam para seus cotidianos.

Em um segundo momento (que bem poderia se intitular “-Bom dia, seja bem-vindo/a à praça, é nossa!” ou “Juntos erguemos sonhos”), e com a finalidade de se refletir sobre o livro e seus possíveis desdobramentos, se pretende realizar uma roda de conversa, com a participação de todos: o organizador, os estudantes escritores, a comunidade, estudantes da EJA, músicos, professores, e, não menos importante, os leitores do livro que se propuserem a debater a obra. Nesta ocasião poderíamos, quem sabe, realizar, também, um sarau com aquelas (e outras) músicas.

Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 2025.

## Para início de conversa

*Roberto Eduardo Albino Brandão<sup>3</sup>*

A aula só começa 7:30h, mas antes das 7h lá está ele, sentado no banco do coreto de uma escola pública municipal da cidade do Rio de Janeiro, exclusiva de educação de jovens e adultos (Centro de Educação de Jovens e Adultos - Ceja Maré). As pessoas vão chegando e o Sr. José (89 anos) acolhe todos e todas com: “-*Bom dia, seja bem vindo à praça é nossa!*” Uma piadinha aqui, uma musiquinha acolá, às vezes alegre, às vezes triste, mas sempre exercitando a memória. E que memória! Memórias, por exemplo, de um “cabra porreta”, que foi operário na construção da ponte Pres. Costa e Silva (Rio-Niterói).

*89 anos de história  
Inspiração cativante  
Força, foco e memória  
Teu nome é José Estudante*

E os/as estudantes vão chegando, e as memórias partilhadas. Memórias de vida da classe trabalhadora.

---

<sup>3</sup> Professor de Ciências, Biólogo (CRBio 15985/02), Mestre em Educação Profissional em Saúde. [edu@roberto.bio.br](mailto:edu@roberto.bio.br).

Memórias forjadas na luta de classes. Memórias do povo mareense. Memórias musicais, de um tempo sofrido, em um país que abusou dos “retirantes nordestinos”<sup>4</sup>. Memórias ao estilo de Conceição Evaristo (1994), que utiliza o termo “escrevivência” (escrita + vivência), onde foi possível resgatar essas histórias vividas, e quase sempre silenciadas. Memórias que jamais deveriam ser esquecidas.

O que mais diferencia essa atividade, entre tantas outras de igual importância, dentro da escola pública, é o fato de acontecer no “tempo livre”<sup>5</sup> de estudantes e professores, de forma espontânea. Trata-se de um “esquentar” o dia e o ânimo para os estudos, fora do horário escolar, tempo esse cada vez mais difícil de encontrar e aproveitar. O fato de não haver intencionalidade pedagógica, tão pouco qualquer direcionamento curricular, aliado a liberdade de fala, permitiu maior fluidez de pensamento. Assim, 80% das memórias, aqui registradas, foram gravadas em áudio, após escuta ativa das músicas e, posteriormente, transcrita para texto, utilizando-se de aplicativo gratuito online. Para essa coletânea, o único direcionamento foi o de não incluir as músicas

---

<sup>4</sup> “A história dos retirantes nordestinos é a saga de pessoas que, forçadas pelas secas e pela miséria no Nordeste brasileiro, abandonam suas terras em busca de melhores condições de vida, principalmente nas grandes cidades do Sul e Sudeste. Essa migração em massa, intensificada entre as décadas de 1930 e 1950, expôs a dura realidade do semiárido e a falta de políticas públicas eficazes.” (Visão geral criada por IA da Google)

<sup>5</sup> Utilizamos aqui o conceito marxista de “tempo livre”, que se refere ao período em que o indivíduo não está à disposição do sistema capitalista, ou seja, o tempo para além dos interesses da classe dominante e da própria sobrevivência da classe trabalhadora.

indicadas e cantadas pelos participantes, aquelas as quais não houve qualquer lembrança ou reflexão. Além disso, os/as estudantes com necessidades educativas especiais participaram ativamente do processo musical, aquém do registro de suas memórias.

O otimismo da vontade me faz acreditar que o estímulo à memória, nesse caso a partir da musicalidade, tende a mitigar os transtornos de ansiedade, estresses pós-traumáticos e outros problemas de saúde mental, principalmente em decorrência da violência armada presente no território da Maré. Assim, procurei sistematizar algumas dessas histórias, que já eram contadas antes, durante e depois das aulas no Ceja Maré. Avalio que essa atividade configura-se como uma ação para o fortalecimento das unidades escolares da Maré, especialmente no que se refere à boa prática escolar, com resultados exitosos em contexto periférico, conforme apontado no documento *Redes da Maré e a mobilização pelo direito à educação em contexto de violência armada*<sup>6</sup>.

É relevante destacar que as músicas serviram como um eficiente “gatilho” para se resgatar memórias de vida, de forma lúdica, talvez por não contar com a pressão do processo ensino-aprendizagem. Como pesquisador, professor e humano, sinto-me fortemente impactado com as

---

<sup>6</sup> Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgclclefindmkaj/https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/6oSeminararioEducacaoMare.pdf>  
Acesso em: 03 out 2025.

produções desses estudantes trabalhadores. Após essa experiência, é impossível voltar ao ambiente “sala de aula de ciências” da mesma forma, não só pelas emocionantes histórias vividas, mas, sobretudo, pelos temas geradores que emergiram desses encontros:

- *Ciência, tecnologia e sociedade;*
- *Desigualdade social e consumismo [capitalismo];*
- *Escola pra que? [função social da escola / projeto político pedagógico / educação e democracia representativa e participativa];*
- *Fome [insegurança alimentar];*
- *Preconceito contra nordestinos(as) [xenofobia];*
- *Religiosidade [laicidade no serviço público / intolerância religiosa];*
- *Saúde [SUS / PSE / biologia / botânica];*
- *Soberania [colonialismo];*
- *Trabalho [movimento sindical / fim da escala 6x1 / alienação];*
- *Violência de gênero [patriarcado / machismo estrutural / homofobia];*
- *Violência no campo [Reforma agrária / invasão x ocupação de terras / MST];*
- *Violência no Rio de Janeiro.*

Os exemplos de vida mostram que a idade é apenas um número, que a paixão por viver é a verdadeira fonte da juventude. A perseverança desses/as jovens e jovens idosos/as é uma prova de

que a dedicação e o esforço coletivo nos levam a superação de grandes dificuldades, independentemente da etapa da vida em que nos encontramos.

Um dos desdobramentos futuros, infelizmente sem a participação dos estudantes concluintes no presente ano letivo, seria problematizar e aprofundar as discussões desses temas geradores, na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, no sentido de avançar na superação das contradições sociais existentes. Em face dessa importante tarefa, a sugestão é que as histórias de vida fossem sistematizadas, por ocasião do ingresso do aluno na escola e/ou durante a primeira etapa da Educação de Jovens e Adultos - EJA I (anos iniciais do ensino fundamental), para que, na EJA II (anos finais), se pudesse organizar e problematizar esses temas geradores, à luz dos saberes sistematizados em cada disciplina específica, visando uma melhor apropriação da consciência crítica.

Para além do senso crítico sobre a realidade vivida, bem como do incentivo à leitura e à escrita, como ferramentas de transformação social, espero que essas histórias inspire outras pessoas a se conectarem umas com as outras e a lutarem por um mundo com mais justiça social. Assim, buscaremos ressignificar essas escrevivências, mediado pelo diálogo, cuja inspiração reflete:

*“o saber compartilhado, entendido como a mediação, a comunicação que*

*ocorre no espaço da aprendizagem formal, espaço de encontros, trocas e alegrias, possibilitando ver e viver o mundo de forma mais enriquecedora a partir das contribuições do outro; o saber como instrumento, considerando que o domínio do sistema de escrita instrumentaliza para ampliar a compreensão e reconstrução da própria realidade, das exigências sociais; o saber desejante, que se refere a projetos de vida, perspectivas para o futuro a partir do domínio de conhecimentos escolares, para si e para os seus; e, por fim, o saber denunciante, que vem denunciar e proclamar a exigência efetiva de educação para todos, a partir das premissas da qualidade do ensino e do reconhecimento do potencial de saber que são inerentes aos jovens e adultos.[...]" (NUNES, 2020, p. 144)<sup>7</sup>*

Espero que essas histórias inspirem outras pessoas a seguirem o caminho do conhecimento, com alegria, mostrando que nunca é tarde para recomeçar, rememorar e refletir. Obrigado a todos(as) os(as) estudantes jovens, adultos(as) e idosos(as), por compartilharem suas trajetórias de vida, principalmente através dessas belas músicas populares brasileiras.

---

<sup>7</sup>Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216003>



Foto (da esquerda para a direita): Maria Eunice, José, Roberto, Eterna, Diva e Cristina, no coreto.

## **Pau de Arara (Luiz Gonzaga, 1952)**

Quando eu vim do sertão, seu moço, do meu Bodocó  
A malota era um saco e o cadeado era um nó  
Só trazia a coragem e a cara viajando num pau de arara  
Eu penei, mas aqui cheguei  
Eu penei, mas aqui cheguei

Trouxe um triângulo, no matolão  
Trouxe um gonguê, no matolão  
Trouxe um zabumba dentro do matolão  
Xote, maracatu e baião  
Tudo isso eu trouxe no meu matolão

Quando eu vim do sertão, seu moço, do meu Bodocó  
A malota era um saco e o cadeado era um nó  
Só trazia a coragem e a cara viajando num pau de  
arara  
Eu penei, mas aqui cheguei  
Eu penei, mas aqui cheguei

Trouxe um triângulo, no matolão  
Trouxe um gonguê, no matolão  
Trouxe um zabumba dentro do matolão  
Xote, maracatu e baião  
Tudo isso eu trouxe no meu matolão

Trouxe um triângulo, no matolão  
Trouxe um gonguê, no matolão  
Trouxe um zabumba dentro do matolão  
Xote, maracatu e baião  
Tudo isso eu trouxe no meu matolão

Quando eu vim do sertão, seu moço, do meu Bodocó  
 A malota era um saco e o cadeado era um nó  
 Só trazia a coragem e a cara viajando num pau de  
 arara

Eu penei, mas aqui cheguei

Eu penei, mas aqui cheguei, mas aqui cheguei

Fonte: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/261217/>

### **Memórias:**

(Diva, 79 anos) *-Eu nunca viajei de pau-de-arara. Mas minha mãe contava que era só poeira. O vento dava, aí subia aquele poeiral todo no rosto das mulheres. Elas tapavam o rosto, e o lenço voava. Ela dizia pra gente assim, era uma coisa horrível, quem viajava de pau-de-arara. Então, é verdade seu Zé?*

(José, 89 anos) *-É verdade sim, o que ela está falando. A gente caia no matagal, pra cortar árvore, quando chovia, pra desatolar o caminhão [pau de arara]. Porque era barro, não tinha pista nenhuma. O banco era de tábuas de vinte. O nosso assento eram os cobertores. Nós passamos sete dias no caminho. Eu saí de lá [Paraíba] com uma roupinha branquinha assim, e cheguei aqui da cor desse barro vermelho, de tanta poeira. Era poeira mesmo. E não tomava banho não. Lá no Cariri ninguém tomava banho. Só tomava banho de poeira. Sete dias sem tomar banho. É por isso que eu uso perfume forte. Porque suor de velho fede (risos).*

(Maria Eunice, 73 anos) *-Gosto muito da letra dessa música. Nasci no nordeste, mas não lembro nada de lá, pois eu vim pra cá com 6 anos.*

(Eterna, 57 anos) -*Eu lembro da seca do nordeste, onde a terra se racha e a água se acaba. No Ceará sempre tem essa seca. Saudade da minha cidade natal [Ubajara-CE].*



Foto disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/o-pau-de-arara-no-brasil-de-1966>

## Légua Tirana (Luiz Gonzaga, 1949)

Oh, que estrada mais comprida  
Oh, que légua tão tirana  
Ai, se eu tivesse asa  
Inda hoje eu via a Ana

Quando o sol tostou as folhas  
E bebeu o riachão  
Fui inté o Juazeiro  
Pra fazer uma oração  
Tô vortando estrupiado  
Mas alegre o coração  
Padim Ciço ouviu minhas prece  
Fez chovê no meu sertão

Varei mais de vinte serras  
De alpercata e pé no chão  
Mesmo assim, como inda farta  
Pra chegar no meu rincão  
Trago um terço pra Das Dores  
Pra Reimundo um violão  
E pra ela, e pra ela  
Trago eu e o coração

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/261214/>

### **Memórias:**

(Diva, 79 anos) -*Essa música me lembra minha mãe. Minha mãe lavava roupa no rio, aí acendia o cachimbo e cantava. E eu implicava com ela. Aí, mãe, não tem outra música não? Ela dizia, vai passar a*

*mão numa vassoura, vai varrer uma casa e deixa eu cantar minha música. E eu me lembro muito dela. Era um tempo bom. E, às vezes, a gente plantava e secava, não vingava a roça. E ficavam essas placas de barro quando secava a água. Até hoje eu me lembro disso. A minha mãe lavando roupa no rio. Tinha um riachão, que minha mãe botava uma tábua. E ela esticava a roupa naquela tábua e cantava essa música. Usava sabão platino, pintadinho de vermelho, sabão de cachorro. E a gente não era feliz, porque faltavam as coisas. Mas, às vezes, eu ajudava a minha mãe a cantar. Já que a senhora não quer parar, vou começar a cantar com a senhora também. (José, 89 anos) -Ela me traz muita saudade do tempo de sofrimento que eu tive na minha infância. A minha infância foi essa... de viajar pro sertão... correr muitas léguas<sup>8</sup>. E essa música me traz, sabe o quê? Muita légua. Eu tenho muita saudade. É por isso que eu fico meio assim, meio pra baixo. Tem dia quando eu tô pra baixo, eu boto essa música na mente, aí eu começo a me distrair um pouco. Que era meu tempo. Que eu comecei, foi isso mesmo. E sobre o negócio do açude. Isso aí é a coisa mais importante. O açude era Deus. No sítio Geraldo, lá da Paraíba, eu atravessava do lado para outro. Agora eu posso contar que eu já andei dentro dele. E lá no açude, só dá sabó. Cobre tudo. O sabó é uma planta de gererê, que faz balaio. Faz tudo com ela.*

---

<sup>8</sup> Légua é uma medida de distância, em vigor antes da adoção do sistema métrico, cujo valor varia de acordo com a época, país ou região; no Brasil, vale aproximadamente 6.600 m.

(Érida, 40 anos) -*Bonita. Coração. Riachão.*



Disponível em: [geografiaem360graus.blogspot.com](http://geografiaem360graus.blogspot.com)

Acesso em: 10 de setembro de 2013.

Charge disponível em: <https://estudeprisma.com/questoes/4db9e1d2-e6>

## O Cheiro da Carolina (Luiz Gonzaga, 1956)

Carolina foi pro samba, Carolina  
Pra dançar o xenhenhém, Carolina  
Todo mundo caidinho, Carolina  
Pelo cheiro que ela tem, Carolina  
Hum, hum, hum, Carolina  
Hum, hum, hum, Carolina  
Hum, hum, hum, Carolina  
Pelo cheiro que ela tem, Carolina

Gente que nunca dançou, Carolina  
Nesse dia quis dançar, Carolina  
Só por causa do cheirinho, Carolina  
Todo mundo tava lá, Carolina  
Hum, hum, hum, Carolina  
Hum, hum, hum, Carolina  
Hum, hum, hum, Carolina  
Todo mundo tava lá, Carolina

Foi chegando o delegado, Carolina  
Pra olhar os que dançava, Carolina  
O xerife entrou na dança, Carolina  
E no fim também cheirava, Carolina  
Hum, hum, hum, Carolina  
Hum, hum, hum, Carolina  
Hum, hum, hum, Carolina  
E no fim também cheirava, Carolina

Aí chegou dono da casa  
O dono da casa chegou com a mulesta

Chamou atenção de Dona Carolina e  
 Dona Carolina, venha cá  
 O povo anda falando aí  
 Que a senhora tem um cheiro diferente  
 É verdade?

Vôti, sei disso não, é invenção do povo  
 Ah, é invenção do povo, não é?  
 É, sim, senhor  
 Então dá licença

Hum, hum, hum, Carolina  
 hum, hum, hum, Carolina

Eu quisera estar por lá, Carolina  
 Pra dançar contigo o xote, Carolina  
 Pra eu também dar um cheirinho, Carolina  
 E fungar no teu cangote, Carolina  
 Hum, hum, hum, Carolina  
 Hum, hum, hum, Carolina  
 Hum, hum, hum, Carolina

(Carolina)  
 (E fungar no teu cangote)  
 (Carolina)

Fonte: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/682870/>

### **Memórias:**

(Eterna, 57 anos) -*Quando eu cheguei do Ceará foi onde me encontrei. Quando eu saia do trabalho, e ia ali para o pavilhão de São Cristóvão, dançava essa*

*música até o dia amanhecer. Dançava todas as músicas de Luiz Gonzaga.*



Foto: Luciana, 47 anos, tocando triângulo e ouvindo “O cheiro da Carolina”.

## **Iracema (Adoniran Barbosa e Clara Nunes, 1956)**

Iracema, eu nunca mais eu te vi  
Iracema, meu grande amor foi embora  
Chorei, eu chorei de dor porquê  
Iracema, meu grande amor foi você

Iracema, eu sempre dizia  
Cuidado ao travessar essas ruas  
Eu falava, mas você não me escutava, não  
Iracema, você travessou contramão

E hoje ela vive lá no céu  
E ela vive bem juntinho de nosso senhor  
De lembranças guardo somente suas meias  
E seus sapatos  
Iracema, eu perdi o seu retrato

Iracema, fartava vinte dias pro nosso casamento  
Que nois ia se casar  
Você atravessou a rua São João  
Veio um carro, te pega e te pincha no chão  
O chofer não teve culpa, Iracema  
Você atravessou contramão

E hoje ela vive lá no céu  
E ela vive bem juntinho de nosso Sinhô  
De lembranças guardo somente suas meias e seus  
sapatos  
Iracema, eu perdi o seu retrato

Iracema, meu grande amor foi você

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/adoniran-barbosa/43921/>

### **Memórias:**

(José, 89 anos) -*Eu tinha muita paixão... muita saudade...eu tinha muito amor... era muito amor mesmo, guardado no meu coração. Essa música me atrai mesmo. Eu era o herói (risos). Deus me deu quatro filhos. Meu filho, o homem que Deus me deu, ele mesmo me levou. Chegava meia-noite, eu vinha aqui na rua principal, aqui no Pinheiro, descia o morro e vinha buscar ele. A minha palavra, que eu tinha pra meu filho, chamava ele de Cafajeste. Aí, quando foi meia-noite, eu estava aqui na rua Capivari, eu pedi o Quito [chefe da boca] pra dar uma coça nele, e botar ele pra casa. Mas como ele era de maior, tinha 21 anos, o Quito, muito meu amigo, falou comigo... se ele for de menor, ele vai subir agora, mas se ele não for de menor, não posso fazer nada. Aí eu vim pra casa, eu e minha mulher. A garota, uma senhora, eu chamo garota, que escrevia carta pra eu mandar pro Nordeste. Eu fui desse tempo da carta, pra escrever por carta. E essa garota, o nome dela é Neide. Tudo isso eu me lembro. O que ela falava com a minha mulher? Que o José [filho] estava aqui na boca, andando de bicicleta, fazendo fofoca. Fazendo fofoca do meu filho pra minha mulher. E a mulher foi acreditando nisso. E aí, o que aconteceu? Deus teve misericórdia e piedade de mim. Levou ele. Ele foi no dia de sábado. Naquele pagode, aqui na Vila do João, ali no campo de futebol. Ele saiu de casa, parecia uma criança de sociedade. Ele nasceu, veio de lá do fundão, já menino grande. A minha mulher vendia roupa.*

*Andava igual a seca pimenteira. Mas ele nunca levou uma peça de casa pra rua. Ele, pra mim, foi um garoto muito importante. Hoje, a minha mulher é aposentada. Ele trabalhava. Ele não era garoto de rua. Meu filho deixou uma pensão pra mãe dele (emoção).*

*(Cristina, 71 anos) -Eu lembro do meu pai, cantando na rede. Às vezes ele passava mal de bronquite, daí eu tinha que ir à rua do serviço, chamar a dona Mariquinha, pra poder aplicar injeção nele. Levava ele de carrinho de mão.*

*(Diva, 79 anos) -Eu acho que no lugar da meia e do sapato, ele deveria guardar a lembrança no coração.*



Foto 1: Irmã, cunhado e esposa do José, Maré



Foto 2: José

**Asa Branca (Humberto Teixeira / Luiz Gonzaga,  
1947)**

Quando olhei a terra ardendo  
Quá fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu: Ai  
Por que tamanha judiação?

Que braseiro, que fornalha  
Nem um pé de plantação  
Por falta d'água, perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão  
Por falta d'água, perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
Entonce eu disse: Adeus, Rosinha  
Guarda contigo meu coração  
Entonce eu disse: Adeus, Rosinha  
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas légua  
Numa triste solidão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim voltar pro meu sertão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olho  
Se espalhar na plantação

Eu te asseguro, não chore não, viu?  
 Que eu voltarei, viu, meu coração?  
 Eu te asseguro, não chore não, viu?  
 Que eu voltarei, viu, meu coração?

Fonte: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/>

### **Memórias:**

(José, 89 anos) -*Lá na Paraíba, o nome é Açude. Aí tinha duas moças velhas. Chegou a noite de São João, as moças velhas fizeram um trato. Aquela que vencesse, casava. E aquela que não vencesse, ficava boiando no meio do Açude. Quando foi meia-noite, uma que teve vontade de casar... aquela maior paixão dela era casar, falou assim: “treme, treme, carne mardita, hoje tremendo, amanhã nas glórias bendita.” Essa morreu. Ficou em cima do Açude boiando. Aí a outra, com aquele fogo de casar, falou assim: “treme, treme, carne malvada, hoje tremendo, amanhã é casada.” Essa casou. Na noite de São João, na Paraíba, a água é benta. O senhor bota uma aguidar [bacia] na beira da fogueira, o senhor vê a sua resta [imagem] todinha naquela água. Se o senhor não vê a sua resta, tu morre naquele ano. Na Paraíba tinha esse ditado.*

(Maria Eunice, 73 anos) -*No norte, restia é cebola, né? Aliás, restia no norte é sombra, e aqui é cebola.*

(Eterna, 57 anos) -*Dia de São João, em frente a fogueira, nós solteiras colocávamos uma bacia de água e colocávamos 2 carvão grandes, um era a menima e o outro era o pretendente à namorado. Se os carvão se juntassem, na água, era sinal que seria*

*namoro. Era uma simpatia e uma festa para as meninas.*



Charge disponível em: <https://paduacampos.com.br/2013/03/27/charge-um-nordeste-cada-vez-mais-seco/>

## O vendedor de caranguejo (Dominginhos, 2001)

Caranguejo Uçá  
Caranguejo Uçá  
Apanho ele na lama  
e boto no meu caçua

Tem caranguejo  
tem gordo goiamum  
Cada corda de dez  
Eu dou mais um  
Eu dou mais um  
Eu dou mais um  
Cada corda de dez  
Eu dou mais um

Eu perdi a mocidade  
Com os pés sujos de lama  
Eu fiquei analfabeto  
Mas meus filho criou fama  
Pelo gosto dos meninos  
Pelo gosto da mulher  
Eu já ia descansar  
Não sujava mais os pé

Os bichinho tão criado  
Satisfiz o meu desejo  
Eu podia descansar  
Mas continuo vendendo caranguejo

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/dominginhos/1681973/>

### **Memórias:**

(José, 89 anos) -*Me lembra a minha juventude todinha, dos meus 18 aninhos. Eu catava caranguejo na lama, no Catalão [cidade universitária da UFRJ]. Quando eu tava capinando o mato, eu cantava essa música, e a hora passava rápida. Naquela época não existia relógio, a gente se orientava pelo sol... pela sombra.*

(Diva, 79 anos) -*A minha mãe era caçadora de caranguejo. Ela saía de manhã cedo com a farinha no saco, umas coisas assim, e ia pro mangue caçar caranguejo. Era um por cento, acho que era um saco de caranguejo, era dois por cento. E ela vendia metade, a outra metade ela levava pra casa, lavava bem lavadinho, com a escova, de baixo da bica, e botava pra cozinhar, pra gente comer com angu de banana. Minha mãe era uma mineira brava, sabe? Mas a mineira que se eu chegasse chorando perto dela, ela botava a mão na minha cabeça e dizia assim, não chora não, minha filha, entrega pra Deus. Minha mãe era assim. E até hoje eu sinto saudade da minha velha. Tem 30 anos que ela faleceu, mas até hoje eu me lembro dela. Tinha aquele pano amarrado na cabeça, aqui atrás da orelha dela tinha um lombim, aquele lombim era de massa. Ela deitava no colo da gente, a gente começava a amassar aquele lombim, aí ficava aquele pocinho. Eu dizia, mãe, por que você não opera isso? Aí ela dizia, isso aqui é bom pra vocês me fazerem dormir. E a gente conversava, a lua clara, a gente sentava no quintal, conversava, conversava, fazia café, cozinhava isso, e*

*era muito bom. Um tempo muito bom, mas depois começou a piorar tudo. Fazer o quê, né? Nós éramos seis irmãos, por parte de pai e mãe. Meu pai faleceu, minha mãe ficou de resguardo do meu irmão caçula, com 15 dias de nascido. Minha mãe criou os seis sozinha, ninguém fez nada errado. Agora, por parte de mãe, ela sofreu muito com o meu irmão, igual a mim com o meu filho. Eu andava, chorava, onde tá meu filho? Será que tá comendo? Será que tá bebendo? Aí catavam ele, levavam pra lá [delegacia]. Ele ainda dava nome errado, não podia procurar ele com nome certo. Aí o delegado falava pra mim, mas teu filho gosta de uma cadeia. Ele é residente de cadeia, vai fazer o quê? Não podia fazer nada, não podia dar conselho. Quem sabe da minha vida sou eu, dizia ele. Agora tá lá nos pés do papai do céu, morreu com 40 anos. Morreu enfartado. Mas é coisa da vida, é coisa que a gente não pode deixar na porta de ninguém. Eu não vou pegar o meu problema, chegar na tua porta e deixar, né? Tem que seguir aquele problema até ver o que Deus faz. E Deus levou meu filho. Eu sofri muito, mas tá melhor lá do que aqui. Eu sinto falta dele. Era nós dois morando sozinhos aqui na Vila do João. A gente saía. Mãe, vamos tomar uma cerveja? Falei vamos. Mas ele não tomava cerveja, ele pagava pra mim, mas ele bebia 51. Ele me respeitava. Não adianta dar conselho. Ah mãe, da minha vida quem sabe sou eu. Não esquenta comigo não, coroa. Sabe professor Roberto, levanta a mão pro céu, eu saía pra trabalhar, e encontrava ele em casa. Pessoal, tiraram a vida dele. Ele faleceu*

*sim, eu levei ele pro hospital. Quando chegou no hospital, ele chegou morto. Hospital de Bonsucesso. Eu sofri, muita gente me deu conselho pra vender a casa. Eu falava pra pessoa, gente, o sentimento tá no coração, não tá na casa não. A gente pensa, né? Ele gostava muito de sardinha frita com salada. A senhora não faz sardinha, porque não gosta, mas eu quero comer sardinha, dizia ele. Daí eu falava, vai comprar sardinha, mas traz limpa. Ele não trabalhava porque arrumaram um serviço pra ele, mas a patroa descobriu. A internet descobre tudo. A patroa descobriu que ele era ex-presidiário e mandou ele embora. Então ele não conseguia serviço. Mas era assim, se eu chegasse lá em casa e falasse: Sérgio, tem um entulho pra você carregar. Ele ia lá, olhava e dizia assim... eu vou ali e já volto. Chegava lá, tomava uma e ia carregar o entulho. Sempre trabalhando para as pessoas de bem. Lembro que ele não podia trabalhar de carteira assinada. Eu ficava desesperada quando saía para trabalhar, que tinha operação na favela. Digo, meu Deus do céu, tomara que meu filho fique dentro de casa. Tinha um senhor Zé que tinha telefone, eu toda hora ligava pra ele. Senhor Zé, você já viu o Sérgio hoje? O Sérgio tá aí? O Sérgio tá aqui, dona Diva. Botava ele pra falar comigo. Mas, papai do céu levou. Foi melhor assim. Às vezes, matavam uma pessoa lá e a gente... Eu saía pra trabalhar, quando chegava, achava aquelas pessoas mortas. E, graças a Deus, eu tive essa sorte de encontrar ele morto, papai do céu levou. Essa é a minha vida. (emoção)*

(Maria Rosa, 68 anos) -*Eu nunca comi caranguejo, mas deve ser gostoso. Acho complicado tirar o caranguejo da lama. Só deve ter casca.*



Foto disponível em: <https://www.destaquenoticias.com.br/caranguejo-uca-o-rei-dos-mangues-5/>

## Algodão (Luiz Gonzaga, 1953)

Bate a enxada no chão  
Limpa o pé de algodão  
Pois pra vencer a batalha,  
É preciso ser forte, robusto, valente ou nascer no sertão

Tem que suar muito pra ganhar o pão  
E a coisa lá "né" brinquedo não

Mas quando chega o tempo rico da colheita  
Trabalhador vendo a fortuna se deleita

Chama a família e sai, pelo roçado vai  
Cantando alegre ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai, (2X)

Sertanejo do norte  
Vamos plantar algodão  
Ouro branco que faz nosso povo feliz  
Que tanto enriquece o país  
Um produto do nosso sertão.

Fonte: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/954994/>

### **Memórias:**

(Geralda, 61 anos) -*Ah, eu lembro muito do Norte, dos meus pais indo pra roça, catar algodão mais a gente. Saía de manhã, só chegava meio dia. Aí chegava em casa, almoçava, e voltava de novo. Chegava 6 horas da noite, aí a gente sofria tanto, apanhando algodão, com aquele lençol nas costas.*

*Aí, quando eu pegava aquele peso, eu dizia: -Pai, já tem 10 kg? Ele dizia que ia pagar 3 contos pra mim, se eu catasse 70 kg. Eu dizia: Poxa, é muito pouco! Daí, eu perguntava: Vê se já tá pesado? Aí, meu irmão pesava e dizia: Tá tão longe... as lágrimas nos meus olhos começavam a cair, e eu dizia: Mas eu já tô tão cansada, Jesus, e não consegui catar esse algodão todo. Aí passava o dia todo apanhando [colhendo o algodão], quando chegava, só dava 20 kg. Meu pai dizia: Você é muito boa, não dá nem pra catar algodão (risos). Eu tinha 10 anos, nessa época, mas minha irmã, mais nova de que eu, com 9 anos, catava mais algodão do que eu. Ela dizia: Ó... tá vendo... eu sou mais pequena, e você é maior e não consegue fazer o que eu faço. Daí eu dizia que só dou pra arrumar a casa mesmo.*

*(José, 89 anos) - Eu gostava de apanhar algodão de manhã cedinho, por causa do sereno. Eu botava umas pedrinhas dentro do algodão, pra mode de pesar mais. Era uma vida muito sacrificada mesmo. Eu apanhava muito algodão, sabia? Mas era muito feliz, era um tempo muito bom. Eu botava um litro de farinha, uma rapadura, um cabaço de água e amarrava o saco na enxada e caia no matagal, lá no Ceará, no sertão do Cariri.*

*(Iracilda, 45 anos) -Eu lembro quando eu ia pro roçado, com meu pai, limpar mato e plantar o milho e depois a colheita. Eu tinha 6 anos e já trabalhava na enxada. Eu ajudava em casa também. E era muito bom. Não ganhava muito, mas era feliz.*

(Anderson, 49 anos) -*Me lembro que a professora explicava as coisas... do que era feito. O algodão é linha, faz roupa, boné, chapéu... também eu fiquei sabendo que plantando você colhe, fruta, comida e também outras necessidades que nós temos.*



Foto: Disponível em:

<[https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/area-de-cultivo-de-  
algodao-cresce-60-em-um-ano-no-ceara-1.3135933](https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/area-de-cultivo-de-algodao-cresce-60-em-um-ano-no-ceara-1.3135933)>

**A Vida de Viajante (Luiz Gonzaga, part.  
Gonzaguinha, 1953)**

Minha vida é andar por este país  
Pra ver se um dia descanso feliz  
Guardando as recordações  
Das terras onde passei  
Andando pelos sertões  
E dos amigos que lá deixei

Chuva e sol  
Poeira e carvão  
Longe de casa  
Sigo o roteiro  
Mais uma estação  
E a alegria no coração

Minha vida é andar por esse país  
Pra ver se um dia descanso feliz  
Guardando as recordações  
Das terras onde passei  
Andando pelos sertões  
E dos amigos que lá deixei

Mar e terra  
Inverno e verão  
Mostro o sorriso  
Mostro a alegria  
Mas eu mesmo não  
E a saudade no coração

Fonte: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/82381/>

### **Memórias:**

(Geralda, 61 anos) -*A música de Luiz Gonzada relembra muita coisa na minha vida... relembra meus pais... Meu pai chegava da roça cansado, tomava banho e ficava lá, na frente da porta. Ele gostava de ficar na frente da porta, ligava o radinho de pilha, e ia até tarde da noite... coxilava na cadeira, só ouvindo as músicas de Luiz Gonzaga, sabe. Minha mãe era muito católica... ela se reservava [não gostava de ouvir músicas consideradas “do mundo”].*

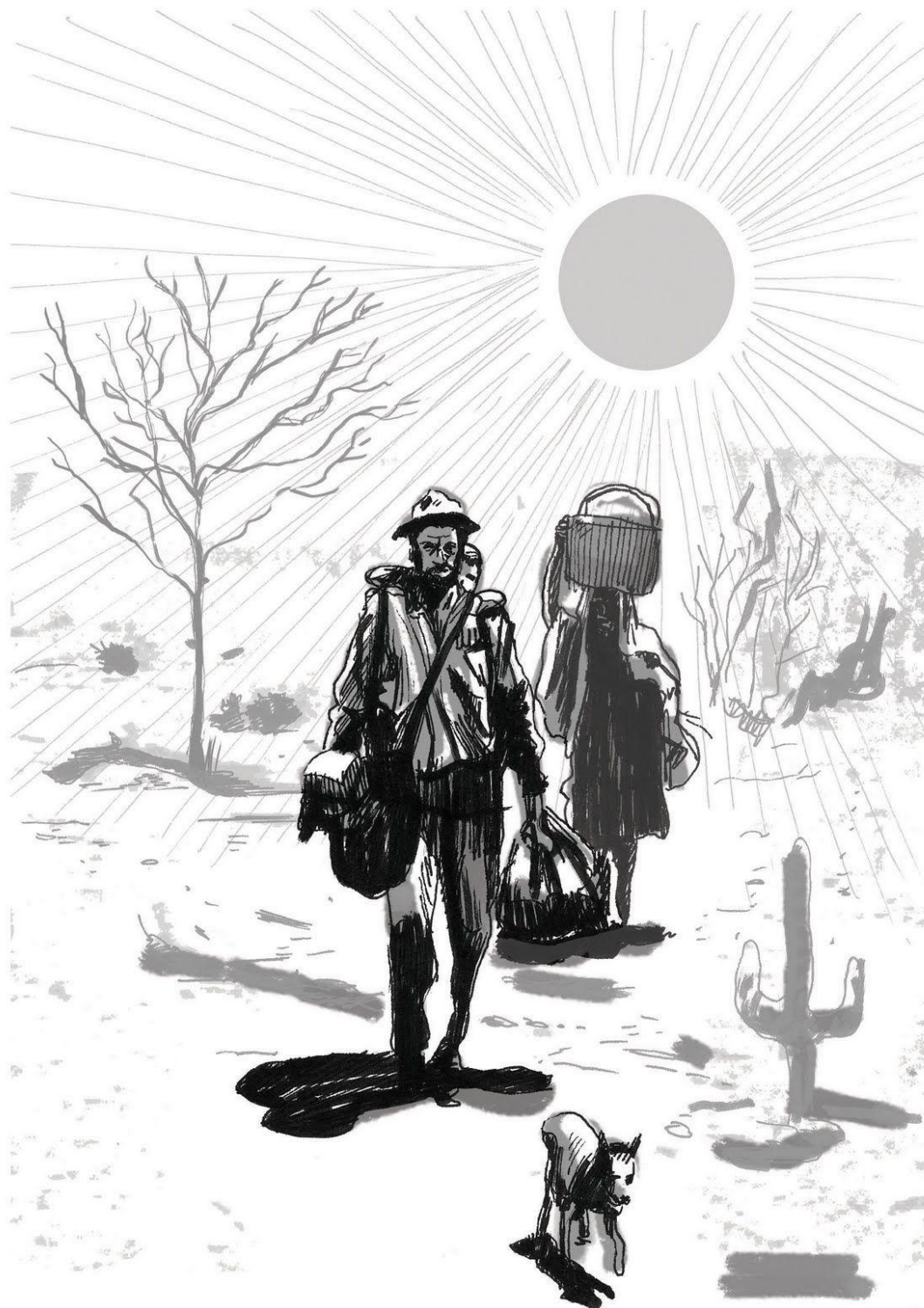
(Thaynara, 33 anos) -*Ela me lembra meu avô. Ele já faleceu. Ele e minha avó eram apaixonados por Luiz Gonzaga. Então, tem um histórico na família de que eles eram apaixonados. Eu não me recordo muito, mas eu tenho certeza que meu avô já foi na casa dele. Como ele é antigo, né? Ele faleceu acho que já tinha 86 anos. Aí ele gostava. Então, praticamente, a família toda já acompanhava Luiz Gonzaga. É possível até que eles tinham contato, né? Tocou essa música, me fez lembrar dele. Tocou no meu coração. Lembrar das casinhas como era antigamente. Aí me fez lembrar minhas fotos, que eu era pequenininha. Porque aqui era tudo diferente. Antigamente não existiam essas casas. Era tudo madeira, essas coisas assim. Aí tocou no meu coração essa música. Me fez lembrar ele. Eu já fui na casa do Luiz Gonzaga. Ela é muito linda, muito linda mesmo. É coisas novas, diferentes. Quem vai lá vê tudo diferente. É outra realidade. Não é a realidade que a gente vive aqui no mundo. Quando eu fui, acho que tinha uns 18 ou 19 anos. Não lembro muito. Eu lembro de algumas*

*coisas. Eu tenho foto e tudo. Ah, fica em Pernambuco. Pra mim, eu achei uma casa humilde. As coisas dele, tudo humilde. Eu achei lindo. Eu gostei. Se eu fosse fazer a viagem, eu voltaria lá de novo. Todo mundo, da minha família, conhece Luiz Gonzaga.*

*(Lucinda, 67 anos) -Lembro do meu pai. O meu pai era o melhor pai do mundo. Era um bom pai, um bom marido, um bom amigo. Ele sabia conversar com a gente, não ficava dando supapo na gente. Quando ele ia falar com a minha mãe, ele não ficava gritando coisas. Mas também morreu, aí acabou. E quando ele cantava, ele cantava. Chegava já na porta de casa, cantando, e pra mim era uma alegria. Ele cantava Asa Branca também. Vem, senta aqui, vamos cantar um pouquinho. Aí a minha mãe falava, mas hoje não tem carne. Meu pai falava, hoje não tem carne, mas tem ovo... amanhã a carne chega... cada dia um dia... não vamos ficar nervosos ou tristes porque não tem carne hoje... amanhã eu recebo, eu compro a carne... mas tem peixe, tem ovo... vamos comer o que tem aí. Eu acho que meu pai era muito feliz, muito alegre. Nem era preciso ser alegre assim, porque ele, quando tinha oito anos, mataram o pai dele e a mãe dele. Lá na Bahia, ele morava em Bom Jesus da Lapa. Ele era para crescer uma pessoa revoltada. Mas não era revoltado não, ele era feliz. Ele pegava e falava assim... o que adianta, né? eu vou cuidar dos meus irmãos. Aí chegou uma família lá e distribuiu os irmãos dele. Ele veio para o Rio de Janeiro para a casa da dona Amélia. Cada irmão dele foi para uma casa. E a minha avó, que era a*

*mãe dele, ficou com a irmã dele de um aninho. A gente deveria imitar o meu pai, porque ele era uma pessoa muito feliz. Ele veio para cá com dez anos e não conhecia nem a letra A. Era analfabeto, né? Mas essa família botou ele na escola, ensinou ele a ler. Ele fez o segundo grau. Ele falava assim... meu sonho é servir o quartel. Mas você não vai poder servir, diziam para ele. Mas ele dizia...eu vou servir o quartel... vou aprender a ser motorista... vou ter uma boa família. E tudo isso que ele quis ele teve. Eram seis mulheres e dois homens. Aí ele saía com a gente e o pessoal falava assim... mas menina fica em casa com a mãe... menina mulher não pode sair com o pai, não. Daí ele falou... por quê? porque eu sou homem, não posso sair com a minha filha? Aí saía com as seis meninas e com os dois meninos. A gente saía para a Quinta da Boa Vista, para o parque, para o circo... a gente gostava muito do circo. Ele não gritava com a gente. Por que você brigou na escola hoje, perguntava meu pai? Aí, meu irmão respondia... eu briguei na escola porque fui xingado. Meu pai falou assim... E adiantou? Passou a dor que você foi xingado? adiantou você brigar na escola, bater na escola? Ele era para ser uma pessoa revoltada, por perder o pai e a mãe, e ficou na casa dos outros, mas essa família pegou ele... tinha ele como se fosse filho mesmo. E ela era branquinha... a mãe dele de criação e o pai dele, também branquinho. As irmãs dele [de criação] todas brancas. Quando eu cheguei na casa, ele falou assim... essa aqui é minha irmã, Lucinda. Eu falei... não, não pode ser. Aí ele*

*falou... é minha irmã, porque eu fui criado com eles e eles que me criaram... então, ela é minha irmã... entendeu? Ele tinha o maior carinho pelo cunhado... olha só, você vai casar com a minha irmã... respeita a minha irmã e não bate nela não... quando não gostar dela mais, largue ela... mas não fica batendo nela, não... porque a pior coisa é homem bater em mulher. Podia existir, hoje em dia, esses homens ainda. Hoje em dia não tem mais esses homens assim. Os homens mandam a mulher calar a boca, a mulher não cala, já leva um murro na cara. Meu pai não gostava disso não. Ele falou assim... olha, o homem tem que respeitar a sua mulher e a mulher respeitar o seu marido... quando não dá mais, separa... cada um vai pra um lugar e um respeita o outro. E o filho? Filho não tem nada a ver... filho é filho pra sempre. Eu achava muito bom. Ele tinha uma mentalidade do tempo agora. Aí, o menino falou assim... tem um homem ali que tá morando com outro homem. Meu pai falou assim... a vida particular dos outros não interessa pra gente... se o rapaz gosta de homem, ou se ele gosta de mulher, isso não vem ao caso... o importante é que ele é um homem trabalhador... que trata bem o companheiro dele... então, o que ele faz ou deixa de fazer não é da nossa conta... a gente não é Deus pra ficar julgando os outros... joga a primeira pedra aquele que não tem pecado... todo mundo tem pecado... ninguém pode ficar falando dos outros. Meu pai tinha uma mente completamente diferente.*



Disponível em: <https://faciletrando.wordpress.com/2020/07/02/vidas-secas/>

**No Ceará Não Tem Disso Não (Luiz Gonzaga,  
1950)**

Tenho visto tanta coisa  
Nesse mundo de meu Deus  
Coisas que prum cearense  
Não existe explicação  
Qualquer pinguinho de chuva  
Fazer uma inundação  
Moça se vestir de cobra  
E dizer que é distração

Vocês cá da capital  
Me adesculpe esta expressão

No Ceará não tem disso não  
Não tem disso não, não tem disso não  
No Ceará não tem disso não  
Não tem disso não, não tem disso não  
Não, não, não  
No Ceará não tem disso não  
Não, não, não  
No Ceará não tem disso não

Nem que eu fique aqui dez anos  
Eu não me acostumo não  
Tudo aqui é diferente  
Dos costumes do sertão  
Num se pode comprar nada  
Sem topar com tubarão  
Vou voltar pra minha terra

No primeiro caminhão

Vocês vão me adesculpar  
Mas arrepiro essa expressão

No Ceará não tem disso não  
Não tem disso não, não tem disso não  
No Ceará não tem disso não  
Não tem disso não, não tem disso não  
Não, não, não  
No Ceará não tem disso não  
Não, não, não  
No Ceará não tem disso não

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/47091/>

### **Memórias:**

(José, 89 anos) -*Eu me lembro de muitas coisas...o tempo que eu tava vivendo com meus 15 aninhos, eu já sabia dessa música. Eu me sentia muito feliz, com minha mochila nas costas, o meu litro de farinha, o meu cabaço de colo d'água, a minha rapadura, e puxando cobra pra cima do pé.*

(Geralda, 61 anos) -*Eu lembro de muita coisa, porque lá no Norte, no sertão, as pessoas pedem a Deus pra ficar de maior de idade, já com os documentos, pra viajar pra São Paulo ou pro Rio de Janeiro, pra ganhar a vida. Meu irmão, que saiu de casa com 19 anos, foi pra São Paulo. A minha mãe ficava chorando, assistindo essa música. E lá no norte, quando a gente vai embora assim, a gente chora demais, que é uma despedida, parece até que*

*morreu... nossos amigos é nossos irmãos... Sabe o que eu lembrei? Que lá no Ceará, onde a gente morava, pegava água de poço. Seu Zé sabe, que se chama Cacimbão. Onde a gente morava, pegava um jumento, sabe? Aí botava aquela cangalha no jumento. Aí botava um negócio assim, preto, tipo uma borracha. Eu esqueci o nome. Só que ele pegava uns 5 litros de água, de cada lado. Quando a gente foi pegar água, a gente sem água em casa. Muita abelha. Minha mãe mandou meu irmão ir pegar água lá no cacimbão. Era longe, umas 3 léguas ou mais. Aí, quando ele chegou lá, tinha caído um boi dentro do cacimbão. Não tinha água. Aí voltou ele, mais de meio dia. Minha mãe disse: Mas você demorou, meu filho... Mãe, não tem água lá, disse meu irmão. Ah, como eu vou dar água para meus filhos, não tem água para dar para eles. Lá no norte, coziam o milho, aí fica um panelão de água do milho, sabe? Que é tipo esse cheiro de lavagem mesmo, entendeu? Eu disse, ah, mãe, eu quero água. Aí minha mãe dizia, minha filha, não tem água. Eu dizia, eu bebo qualquer coisa. Eram 11 filhos nesse sertão... só mato mesmo. Aí minha mãe pegou aquela água, coou e deu para cada filho beber. Mas era um gosto muito ruim. Muito ruim aquela água. Aí minha mãe disse, eu vou já me embora. Seu pai não quer sair daqui, eu vou já ir embora. Aí pegou os filhos tudo e nós saímos tudo com as trouxas na cabeça. Aí meu pai tinha um radinho. Antes de eu sair, eu era danada, eu liguei o radinho, estava cantando isso aí. No meu Ceará não tem isso, não. Aí eu dizia para o meu*

*irmão, aqui é só o que tem. Nem água tem. Aí quando a gente chegou no açude, que eu vi aquela água... Quanto mais eu entrava para dentro da água, mais vontade eu tinha. Tomava água, tomava tanta água. Meus irmãos, que coisa linda de tanta água. Foi muito sofrido lá no norte.*



Charge disponível em: <https://admin.guiame.com.br/nova-geracao/charges/charges-alem-da-agua-esta-faltando-o-amor.html>

## Último Pau-de-Arara (Raimundo Fagner, 1973)

A vida aqui só é ruim  
Quando não chove no chão  
Mas se chove dá de tudo

Fartura tem de porção  
Tomara que chova logo  
Tomara meu Deus tomara

Só deixo o meu Cariri  
No último pau-de-arara  
Só deixo o meu Cariri  
No último pau-de-arara

Enquanto a minha vaquinha  
Tiver couro e o osso  
E puder com o chocalho  
Pendurado no pescoço

Eu vou ficando por aqui  
Que Deus do céu me ajude  
Quem sai da terra natal  
Em outro canto não pára

Só deixo o meu Cariri  
No último pau-de-arara  
Só deixo o meu Cariri  
No último pau-de-arara

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/fagner/45959/>

### **Memórias:**

(Eduardo, 50 anos) -*Lembro que eu tinha uns 5 ou 6 anos. E até os 14 anos eu vivia em Camaratuba-PB. Acordava cedo. Um tio meu levantava cedo, pra tirar leite do gado. Dava sete horas da manhã, todo mundo saia pra lida. Meus avós, apanhavam feijão, mandioca... E eles trabalhavam de sete da manhã até onze horas. Vinha pro almoço, almoçava e retornava pra lida de novo. E chegava tarde. A tarde, lá nos meus avós, tinha gado. Então eles saiam mais cedo pra cortar capim. Eu, por exemplo, cortava capim pra botar pro gado. E é isso aí. A tarde, botava o capim na cocheira, picava maniva, às vezes até a mandioca. E botava o gado na cocheira, umas quatro, quatro e meia. Abria a porteira do gado... o gado já sabia o ritmo... já vinha pra cocheira e comia. Umas cinco e meia, já tiravam eles, amarravam os bezerros que estavam amamentando, pra não chegar de manhã, não ter leite, porque se eles passassem a noite com a mãe, de manhã, com certeza, não ia ter leite, porque eles iam passar a noite mamando. A vida era essa. Um banho de rio. E foi uma infância muito boa. Muito caju, muita manga, muito coco. Meu avô não gostava que a gente tirasse coco, catucando os cocos com a vara. Falava assim, pode cortar o cacho do coco, mas tira o cacho pra não estragar o coqueiro. Ele dizia que catucando o coco estragava o coqueiro. Então a gente vinha tomar um coco, acabava tomando quatro, cinco cocos. Cortava o cacho, guardava ali debaixo do coqueiro, cobria com uma palha pro sol não pegar, e deixava ali.*

*Tinha jaqueira, mangueira, caju. E era uma fartura, goiaba, muito pé de jamelão, cana caiana... E muito banho de rio. Foi uma infância maravilhosa que eu tenho guardada. Hoje em dia, o sítio lá não tem quase mais nada. Porque meus tios, depois que meus avós ficaram doentes, e faleceram, eles acabaram com o sítio. Cortaram as árvores pra fazer carvão, uma bobeira que eles fizeram e o sítio ficou limpo. Se eu fosse plantar, eu plantaria cada árvore que eu sei, em cada lugar, porque ficou na minha memória, eu tenho cada árvore ali na minha memória gravada. Aos 14 anos eu vim pro Rio, e voltei lá depois de 10 anos. E até agora não voltei mais, vai fazer 30 anos que eu não volto lá.*



Charge disponível em: <https://www.chavalzada.com/2013/03/a-seca-consome.html>

## Juazeiro (Luiz Gonzaga, 1949)

Juazeiro, Juazeiro  
Me arresponda, por favor  
Juazeiro, velho amigo  
Onde anda o meu amor  
Ai, Juazeiro  
Ela nunca mais voltou  
Diz, Juazeiro  
Onde anda meu amor  
Juazeiro, não te alembra  
Quando o nosso amor nasceu  
Toda tarde à tua sombra  
Conversava ela e eu  
Ai, Juazeiro  
Como dói a minha dor  
Diz, Juazeiro  
Onde anda o meu amor  
Juazeiro, seja franco  
Ela tem um novo amor  
Se não tem, porque tu choras  
Solidário à minha dor  
Ai, Juazeiro  
Não me deixa assim roer  
Ai, Juazeiro  
Tô cansado de sofrer  
Juazeiro, meu destino  
Tá ligado junto ao teu  
No teu tronco tem dois nomes  
Ela mesmo é que escreveu  
Ai, Juazeiro

Eu num guento mais roer  
Ai, Juazeiro  
Eu prefiro inté morrer  
Ai, Juazeiro

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/261213/>

### **Memórias:**

(Geralda, 61 anos) -*Então, nós chegava no pé de joá, um pé de joá muito grande. Aí a gente chegava lá com a faca e começava a raspar. E botava num plasticozinho. Aí botava no sol, secava. Depois nós cessava na peneira pra sair só aqueles pozinhos, sabe? Aí depois nós botava num potinho, aí pegava a escova... não tinha escova, era com o dedo mesmo e escovava os dentes. Era onze filhos. Meu pai não tinha condição. Trabalhava em terra dos outros. Aí só recebia dinheiro de ano em ano. Quando atravessava o algodão, que vendia aqueles algodões, aí é que ele recebia o dinheiro. Tirava do patrão e era tipo assim, era dividido, sabe? Meio a meio. Aí ele dividia e se sobrasse, ele dava pra nós comprar alguma coisa. Se não sobrasse, ele comprava comida mesmo. Já existia pasta de dente, mas era cara. Não tínhamos condição de comprar um lápis ou uma borracha, por isso que nós não estudamos. Ainda mais era um lugar que não tinha escola perto. Era tudo longe, nós morávamos no sertão. Porque os meus amigos eram meus irmãos. Eu não tinha amigo nenhum. Não conhecia ninguém. Era uma mata fechada, só tinha gado, só tinha bicho. A cidade era perto de Umari, mas era no interior. Só a gente*

*morava lá. Quando os vaqueiros... antigamente tinha muito vaqueiro pra pegar gado. Pra amansar, os gados era bravo, os bois, sabe? A gente, quando via eles, saia correndo com medo. Nós éramos criados dentro de uma mata. Uma vez minha mãe passou mal, perdeu uma criança... ela ficou doente... teve uma queda. Ela se machucou... estava com cinco meses de grávida e não sabia. Pra ela sair de casa, teve que ir numa rede. Pegaram um pau, botaram a rede, sabe? Amarraram a rede. Dois homens levou ela. Meu pai e outro vizinho, que morava mais distante. Levou ela pra um lugar pra pegar um carro. Minha mãe ficou internada cinco dias e eu era a mais velha, cuidava dos meus irmãos pequenos. Era barra, tá? Nem todo mundo queria morar naquele lugar, não tinha nem água.*

*(José, 89 anos) -O que ela falou é verdade. Agora, eu tenho outras histórias de carvão, também era bom. Carvão pra escovar o dente. Era tudo desse tempo. Eu estou me lembrando. A gente fazia, sabe o que? Aquela carvueira. É um buraco com um furo em cima. Cortava lenha, carreira de braúna, de arueira... aí fazia uma fogueira, em cima daquela fogueira se jogava terra. Jogava terra em cima e fazia aquela carvueira. Aí fazia igual uma cova de defunto. Pra abafar. Ali, aquela madeira virava tudo carvão. Fazia carvão assim.*



Charge disponível em:

<https://www.assisramalho.com.br/2013/05/relatorio-da-nasa-conclui-que-mudancas.html>

## **O Xote Das Meninas (Luiz Gonzaga, 1953)**

Mandacaru quando fulora na seca  
É o sinal que a chuva chega no sertão  
Toda menina que enjoa da boneca  
É sinal que o amor já chegou no coração  
Meia comprida, não quer mais sapato baixo  
Vestido bem cintado, não quer mais vestir timão

Ela só quer, só pensa em namorar  
Ela só quer, só pensa em namorar

De manhã cedo já tá pintada  
Só vive suspirando, sonhando acordada  
O pai leva ao dotô a filha adoentada  
Não come, nem estuda  
Não dorme e nem quer nada

Ela só quer, só pensa em namorar  
Ela só quer, só pensa em namorar

Mas o dotô nem examina  
Chamando o pai do lado, lhe diz logo em surdina  
Que o mal é da idade e que pra tal menina  
Não tem um só remédio em toda medicina

Ela só quer, só pensa em namorar  
Ela só quer, só pensa em namorar

Mandacaru, quando fulora na seca  
É o sinal que a chuva chega no sertão

Toda menina que enjoa da boneca  
É sinal que o amor já chegou no coração  
Meia comprida, não quer mais sapato baixo  
Vestido bem cintado, não quer mais vestir timão

Ela só quer, só pensa em namorar  
Ela só quer, só pensa em namorar

De manhã cedo já tá pintada  
Só vive suspirando, sonhando acordada  
O pai leva ao dotô a filha adoentada  
Não come, nem estuda  
Não dorme e nem quer nada

Ela só quer, só pensa em namorar  
Ela só quer, só pensa em namorar

Mas o dotô nem examina  
Chamando o pai do lado, lhe diz logo em surdina  
Que o mal é da idade e que pra tal menina  
Não tem um só remédio em toda medicina

Ela só quer, só pensa em namorar  
Ela só quer, só pensa em namorar

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/47104/>

### **Memórias:**

(Maria Rosa, 68 anos) -*Quando eu e meu esposo casamos, a gente foi pra Minas Gerais. Ele estava sem trabalho aqui no Rio de Janeiro. Estava difícil para arrumar trabalho, e a gente foi pra Minas. Aí, a*

*gente levou um LP<sup>9</sup> do Luiz Gonzaga. Ele colocava na vitrola antiga e tocava essa música. A minha sobrinha tinha 3 aninhos. Ela dançava essa música o tempo todo, chegava a ficar suadinha, com a bonequinha na mão, dançava de ficar suada. E foi uma belezinha ela naquele tempo. Eu gostava muito dessa música e o tempo lá em Minas. A gente ficou quase um ano lá em Minas. Todo final de semana, o meu esposo botava essa música pra tocar, e a menininha dançava. O nome dela é Flavinha.*



Charge disponível em:

<https://trabalhosaudiodescritos.blogspot.com/2017/06/charge-dia-dos-namorados.html>

---

<sup>9</sup> Sigla para Long Play, é um disco de vinil de longa duração que normalmente contém um álbum completo de música.

## Cidadão (Zé Geraldo, 1979)

Tá vendo aquele edifício moço?  
Ajudei a levantar  
Foi um tempo de aflição  
Eram quatro condução  
Duas pra ir, duas pra voltar  
Hoje depois dele pronto  
Olho pra cima e fico tonto  
Mas me chega um cidadão  
E me diz desconfiado, tu tá aí admirado  
Ou tá querendo roubar?  
Meu domingo tá perdido  
Vou pra casa entristecido  
Dá vontade de beber  
E pra aumentar o meu tédio  
Eu nem posso olhar pro prédio  
Que eu ajudei a fazer

Tá vendo aquele colégio moço?  
Eu também trabalhei lá  
Lá eu quase me arrebento  
Pus a massa fiz cimento  
Ajudei a rebocar  
Minha filha inocente  
Vem pra mim toda contente  
Pai vou me matricular  
Mas me diz um cidadão  
Criança de pé no chão  
Aqui não pode estudar  
Esta dor doeu mais forte

Por que que eu deixei o norte  
Eu me pus a me dizer  
Lá a seca castigava mas o pouco que eu plantava  
Tinha direito a comer

Tá vendo aquela igreja moço?  
Onde o padre diz amém  
Pus o sino e o badalo  
Enchi minha mão de calo  
Lá eu trabalhei também  
Lá sim valeu a pena  
Tem quermesse, tem novena  
E o padre me deixa entrar  
Foi lá que cristo me disse  
Rapaz deixe de tolice  
Não se deixe amedrontar

Fui eu quem criou a terra  
Enchi o rio fiz a serra  
Não deixei nada faltar  
Hoje o homem criou asas  
E na maioria das casas  
Eu também não posso entrar

Fui eu quem criou a terra  
Enchi o rio fiz a serra  
Não deixei nada faltar

Hoje o homem criou asas  
E na maioria das casas  
Eu também não posso entrar

### **Memórias:**

(Geralda, 61 anos) -*Quando era de manhã, eu tinha uma festa, só que era longe. Eu ficava pedindo a minha mãe para ir nessa festa, um forró. Ai, ela dizia não vai não. Mãe, ó, eu garanto, varrer esses terreiro tudo aí... e encher esses pote de água e deixo tudo arrumado e vou de noite. Aí ela liberava. Chorava, ela liberava. Eu varria e botava o volume, do raio, de toda altura, com essa música aí... e começava a limpar tudo e limpava tudo e enchia os pote tudo... e quando era 7 horas, já estava com tudo feito, e a moça passava e nós ia pro forró... chegava de madrugada... Mas fazia tudo. Enquanto não fizesse estas coisas, não ia. A mãe, lá no norte, falava uma palavra ali era certa, não podia desobedecer não.*

(Roberto, 55 anos) -*Eu não estudei na EJA, mas meus pais sim. Eles estudaram no antigo ensino supletivo. Meu pai, um ex-agricultor, veio de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, ainda criança, em busca de melhores condições de vida, onde conheceu minha mãe, uma adolescente carioca da década de 60. Ambos oriundos de famílias pobres, casaram-se e foram morar em uma nova expansão da comunidade de Manguinhos, chamada Amorim, onde eu praticamente nasci, fui criado e morei durante 50 anos. Meus pais investiram muito em minha educação/escolarização. Lembro do sacrifício deles, mesmo sem conseguir concluir o antigo grau de instrução primário (atual ensino fundamental), para me manter estudando até o ensino médio. Meu pai*

*dizia: “-Meu filho, eu não tive condição de concluir os estudos, mas, enquanto eu puder, você não precisará sair da escola para trabalhar”. Em 1976, quando eu tinha 6 anos de idade, minha mãe dormiu na fila do NABE, desde a noite do dia anterior até a manhã do dia da matrícula, forrando o chão com papelão, para garantir minha vaga na escola pública mais perto de casa, à Escola Municipal Ruy Barbosa. Morando em favela, eu tive condições facilitadas para me tornar um traficante e/ou dependente químico. Inclusive, a sociedade esperava isso de mim, pois fui confundido com “trombadinha” várias vezes. Já levei tapa na cara de policial, com 15 anos de idade, apenas por ser da “cor de pele errada”, estar na “hora errada” e/ou no “lugar errado”. Em 1986, mesmo passando para um excelente colégio (CTUR - Colégio Técnico da UFRRJ), continuei enfrentando episódios de racismo cotidianamente, inclusive por quem eu tinha admiração. Termos como “macaquinho” eram explicitamente dirigidos a mim, sempre em tom de “brincadeira”. Dias antes da formatura no CTUR, meu pai morre e eu me torno o único provedor da família (eu, minha mãe e minhas 2 irmãs). As únicas ajudas financeiras que obtivemos foram dois empréstimos, para pagar os custos do funeral do meu pai, os quais foram devidamente pagos. Assim, com sacrifício comum da classe trabalhadora, fui o primeiro da família, tanto da parte de pai quanto de mãe, a concluir um curso superior. Vocês poderiam atribuir o meu relativo sucesso profissional/social ao “mérito”, “talento”*

*e/ou “esforço individual”, porém a realidade é que tive o privilégio em ter PAIS amorosos e, ao mesmo tempo, zelosos em relação a conduta ética e responsável na superação das desigualdades sociais. Ou seja, fui uma dessas crianças “de pé no chão”, não literalmente, pois meus pais conseguiram garantir o calçado, mas havia insegurança alimentar, higiene corporal e ambiental precária, além de outras carências. Lembrando que, naquela época (década de 70), não havia fornecimento gratuito de nenhum material escolar. Tudo era pago, desde o bolso do uniforme até a “caixa escolar”.*



Foto 1: Aniversário de uma das irmãs de Roberto, Manguinhos, 1976



Foto 2: Roberto, E.M. Ruy Barbosa, 1980

## Aquarela (Toquinho, 1983)

Numa folha qualquer  
Eu desenho um Sol amarelo  
E, com cinco ou seis retas  
É fácil fazer um castelo

Corro o lápis em torno da mão  
E me dou uma luva  
E, se faço chover, com dois riscos  
Tenho um guarda-chuva

Se um pinguinho de tinta  
Cai num pedacinho azul do papel  
Num instante, imagino  
Uma linda gaivota a voar no céu

Vai voando, contornando  
A imensa curva norte-sul  
Vou com ela viajando  
Havaí, Pequim ou Istambul

Pinto um barco à vela  
Branco navegando  
É tanto céu e mar  
Num beijo azul

Entre as nuvens vem surgindo  
Um lindo avião rosa e grená  
Tudo em volta colorindo  
Com suas luzes a piscar

Basta imaginar, e ele está partindo  
Serenos e lindo  
E, se a gente quiser  
Ele vai pousar

Numa folha qualquer  
Eu desenho um navio de partida  
Com alguns bons amigos  
Bebendo, de bem com a vida

De uma América a outra  
Eu consigo passar num segundo  
Giro um simples compasso  
E, num círculo, eu faço o mundo

Um menino caminha  
E caminhando chega no muro  
E ali logo em frente  
A esperar pela gente, o futuro está

E o futuro é uma astronave  
Que tentamos pilotar  
Não tem tempo, nem piedade  
Nem tem hora de chegar

Sem pedir licença  
Muda nossa vida  
E depois, convida  
A rir ou chorar

Nessa estrada, não nos cabe  
Conhecer ou ver o que virá  
O fim dela, ninguém sabe  
Bem ao certo onde vai dar

Vamos todos  
Numa linda passarela  
De uma aquarela que, um dia, enfim  
Descolorirá

Numa folha qualquer  
Eu desenho um Sol amarelo (que descolorirá)  
E, com cinco ou seis retas  
É fácil fazer um castelo (que descolorirá)

Giro um simples compasso  
E, num círculo, eu faço o mundo (que descolorirá)

Fonte: <https://www.letras.mus.br/toquinho/49095/>

### **Memórias:**

(Pedro, 17 anos) -*Ouvindo essa música, hoje em dia, me faz lembrar da minha infância. Como eu já escutei, na minha infância, naquela época não fazia sentido. Só entendia o negócio de aquarela, de céu azul, tipo pintura ou desenho quando criança. Mas hoje em dia faz muito mais sentido do que antigamente. Fala dos bons amigos, que eu já tive, das brincadeiras, e também fala o termo do foguete não dá ré, o futuro é uma nave que a gente tenta pilotar, mas a gente não consegue... que é sem piedade e não tem hora para chegar. Antigamente eu*

*falava quero fazer 18 anos logo, para ficar maior, e hoje em dia eu quero voltar no tempo. Aí não dá, porque o foguete não dá ré. O futuro é uma nave que nós tentamos pilotar e não tem tempo, nem piedade, e não tem hora para chegar.*

*(Maria Eunice, 73 anos) -Eu lembro do tempo do meu neto, quando a mãe dele o abandonou, que é a minha filha. Eu saí, fui atender uma colega minha pra levar pro hospital. Aí pedi que ela subisse até o quinto andar... eu tava esperando ela... ela subiu e quem disse que ela voltava? eu só esperando... Quando eu cheguei em casa, que eu olho pra cama, era esse meu neto, chamado Walace. O garoto não é brincadeira. A mãe tinha vergonha dele, porquê era uma criança doente, uma criança que nasceu com problema. Devido ela não fazer um acompanhamento pré-natal, essa criança veio nascer com a pele horrorosa, que ninguém podia chegar perto dele, porque sentia o odor. Ele tinha um monte de ferida no corpo. Então, eu criei esse menino... criei com muito amor e carinho, mas ele me deu muito trabalho. Botava ele na escola, ele não queria nada com a escola. Ficou 15 dias sem entrar numa sala de aula. Eu fui descobrir pela reunião, mas quando eu cheguei em casa... nem te conto, peguei ele... Então, ele foi crescendo assim, desobediente, rebelde. Só nunca faltou o espeito comigo. Mas, em vez dele ir para a escola, ele ia para o caju. Em vez do livro dentro da mochila, ali vinham coisas que eu não vou nem pronunciar. Então, quando a Sheila, minha filha, que trabalha aqui na escola, ela falou pra mim, mãe, o*

*Wallace não está indo para a escola... a senhora pesquisa bem a vidinha dele, que ele está se dando com mal companhia. Eu digo, tá bom, vou ver. Aí, quando foi um dia, que ele chegou, eu falei com ele assim, Wallace, o que está havendo com você? senta aqui perto de mim, vamos conversar. E nada dele querer falar comigo. Eu falei, já descobri tudo. Quem é esse que está te botando no mau caminho? Ele não quis falar, mas eu descobri. Era um tal, que não interessa citar o nome. Cheguei para essa pessoa e perguntei, tu tem filho? Ele disse, tenho. Aí, eu falei pra ele, então, você pega o seu filho e dá a educação que você quer dar para o meu neto. E ali, eu cobrava, eu dizia pra ele assim, perco você pra Deus, mas não perco você pro mundo. E ele nada de me obedecer. Quando foi um dia, vieram na minha casa, e me falaram: -vai ali ver o Wallace. O Wallace, quando me viu, não é brincadeira não, ele montou na bicicleta e foi embora. Aí, ele se mandou e ainda deu até logo pra mim... Só falei pra ele, te espero na curva. Quando ele chegou em casa, ele ficou pelos cantos, eu digo, ó, galinha de casa, não se corre atrás não, meu amor. Eu não te pego agora, mas eu te pego depois. Eu sei que, você não acredita, o sono venceu esse menino. Ele tinha que dormir. Quando ele dormiu, ele acordou comigo agarrado na garganta dele. Eu falei, agora você vai me falar. Não queria... Olha, eu vou procurar quem é o responsável da favela, e vou pedir a ele, pelo amor de Deus, pra ele não te dar emprego, porque você tem que estudar, você tem que se formar, pra amanhã ser um homem*

*de bem... não é isso que eu quero pra tua vida. Eu tenho exemplo pra te passar, porque eu já fui envolvida, já tive nesse meio, então, quem teve nesse meio não quer pra vida de ninguém. Graças a Deus, eu hoje sou uma mulher regenerada, posso dizer que sou da sociedade, mas já dei trabalho. Então, é isso que eu peço pra todo jovem, não entre nessa ostentação... mulheres, joias... porque amanhã vai sofrer. E, na cadeia, homem, filho chora e mãe não vê. E o Wallace hoje é uma benção, um menino trabalhador, um garoto que é esforçado, ele só pensa em vencer. Ele pensa muito, ele só pensa em crescer. E, todo dia, ele me manda áudio, ele me manda declaração de amor, e ele fala pra mim, vó, o homem que eu sou hoje, agradeço primeiro a Deus, e depois a você. E eu falo pra ele, não me arrependo quando eu te batia, você era tão ruim que você não chorava. E eu falava pra ele, chora, tu não vai chorar não? Eu vou te bater mais, hein? Tu tem que chorar. Tá me xingando em pensamento? Não vó, ele falava pra mim. Mas, hoje em dia, é uma benção, é um garoto que construiu família, mora na Penha. Ele tem uma estrutura boa, e é bem centrado. É o amor da minha vida.*

*(Anderson, 49 anos) -Me lembra de passeio de escola. Eu ia para o cinema público, perto do Campo de Santana. Eu soltava pipa, brincava de jogo da velha, peteca, pera-uva-maçã-salada mista, massinha de fazer vaca e da merenda. Eu lembro que chorei no primeiro dia de aula na escola. Quando era criança,*

*eu aprendi a ler e escrever cobrindo as letras com portinha e cobrindo as letras com papel fino.*



(Charge do cartunista argentino Quino, extraída de: <http://quebrandoamonotomia.wordpress.com/2011/03/28/as-tirinhas-da-mafalda/>. Acesso em 21/3/2012)

Charge disponível em:  
[https://vestibulares.estrategia.com/public/questoes/SOMATORIAObserv\\_e1665479ae13/](https://vestibulares.estrategia.com/public/questoes/SOMATORIAObserv_e1665479ae13/)

## Falso Patriota (Geraldo Pereira, 1953)

Você diz que é patriota  
Mas seu charuto preferido é o cubano  
Se esquece que na Bahia  
Que hipocrisia  
Há o charuto baiano  
Você diz que é patriota  
Sua bebida é de marca escocesa  
Não bebe nossa cachaça  
E ergue a taça  
Com a champanhe francesa

Seu carro é americano  
Seu queijo é holandês  
Seu azeite vem da Espanha  
O seu vinho é português  
Dentro do seu palacete só se fala inglês  
Dentro do seu palacete só se fala inglês

Não toca nosso samba  
Não gosta de pandeiro  
Veste um tecido nosso  
Diz que é do estrangeiro  
Fala mal do que é nosso, diz que é brasileiro  
Fala mal do que é nosso, diz que é brasileiro

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/geraldo-pereira/887389/>

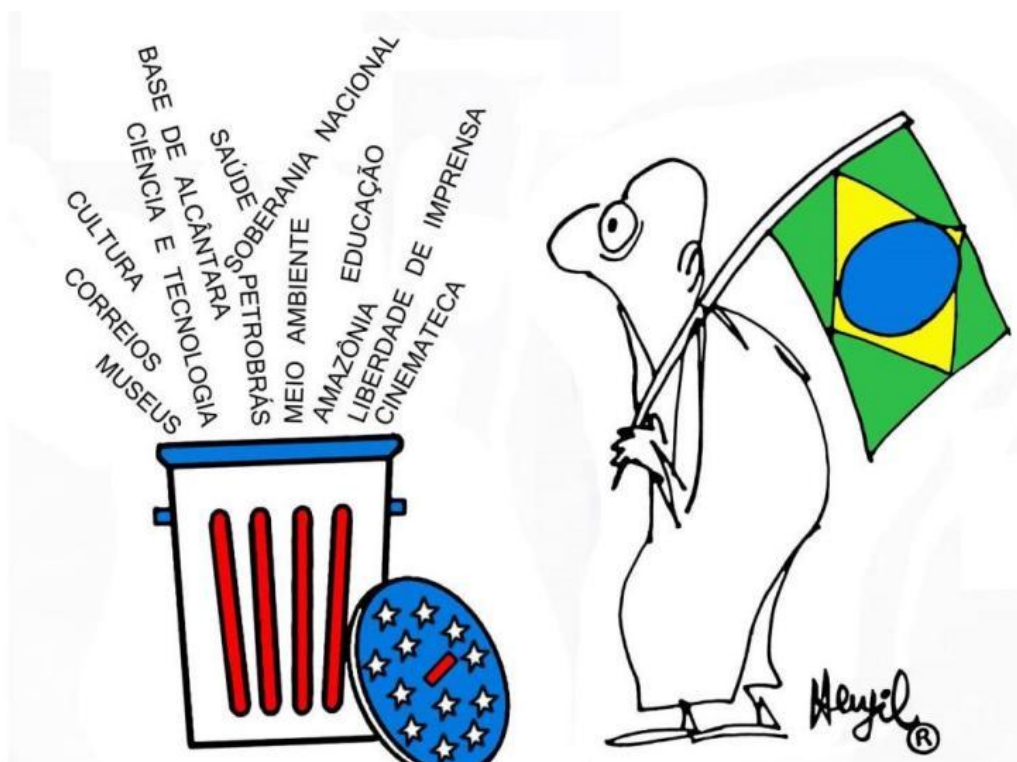
### **Memórias:**

(Lucinda, 67 anos) -*Eu conheço vários “patriotas” desses. As pessoas estudam aqui no Brasil, mas não*

*gostam do Brasil. Dizem que o Brasil é um país que a educação é péssima, mas está no Brasil. A roupa do brasileiro não é boa, o ténis não é bom... eu quero comprar tudo que for americano... os americanos é que sabe das coisas, o Brasil não sabe de nada... os Estados Unidos está acima, é outro patamar... Às vezes eu até saio para não ter que discutir com a pessoa. Ela está no Brasil, mas não sabe elogiar. O professor ganha pouco e também a gente não dá valor. Era para ter mais aluno aqui, e olha quantos tem. As pessoas não dão valor. Tem um país aí fora, acho que é Cuba, onde as crianças anda um pedaço a pé, pra depois pegar o ônibus, para depois ir para a escola... eles não faltam nenhum dia... pega na escola 7:30h, larga 5:30h da tarde e vai lá... dá valor ao país deles... Aqui não dá valor não. Mas é culpa do presidente... a culpa é do governador... Não, a culpa é nossa mesmo. Acho que, mesmo botando merenda aqui, as crianças não vinham. Tem esse negócio aí, do segundo grau, onde o jovem ganha 200 reais... o pé-de-meia... mas aí a menina diz: o meu filho não quer ir [à escola]. Lá fora não ganham nem isso, e eles vão estudar. A gente têm que fazer o máximo para estudar. Valorizar o nosso país.*

*(Geralda, 61 anos) -Essa parte, que fala no tecido, eu lembrei de quando nós era pequena, era 11 filho, ai tirava 3 homem e ficava às mulheres. Não sei se o senhor conhece “voltamundo”... que antigamente, lá no norte, chamava essa malhazinha, era assim, uma malha fraquinha, qualquer força rasgava. Minha mãe não tinha condição de comprar, lá era corte de*

*pano que vendia porto, tecido. Só que ela não podia comprar um tecido para 4 meninas. Era muita roupa, era muito pano, e ela não tinha dinheiro, o dinheiro era pouco. Ela comprava a mais barata, esse voltamundo. Aí eu dizia, mãe, não compra rosa... a senhora só compra rosa. Mas minha filha, é o mais barato... era vendido por cor. Eu chorava, ela tá, vou comprar outra cor... comprava uma cor bejezinha, uma cor mais ou menos... aí, quando lavava, que botava no sol, aquela cor ficava feia, desbotava, eu chorava, chorava muito. Aí, eu dizia, ah, tenho fé em Deus, que eu ainda vou ter condição de comprar uma roupa. A minha mãe falava, vai trabalhar! Eu dizia, eu trabalho, mas não gosto de trabalhar em roça, eu só gosto de trabalhar em casa. Aí, meus irmãos dizia assim, ela só dá para fazer as coisas de casa, porque na roça ela é nota zero. Aí eu começava a chorar.*



Charge disponível em: <https://vermelho.org.br/coluna/falsos-patriotas/>

## **Maria, Maria (Milton Nascimento, 1978)**

Maria, Maria é um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri quando deve chorar  
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania de ter fé na vida

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania de ter fé na vida

Fonte: <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47431/>

### **Memórias:**

(Valdeci, 49 anos) - Crônica poética sobre sua mãe:

#### *A coragem de Maria*

*O sol já se punha atrás das serras de Areia (PB), tingindo de dourado a pequena chácara de Maria. Ali, o cheiro de terra molhada e o canto dos galos se misturavam à risada de seus filhos, que corriam pelo quintal. Maria olhou para aquele pedaço de chão com ternura. Não era muito. Algumas cabeças de gado, árvores frutíferas e um roçado que dava milho e feijão. Era o suficiente para viver com dignidade. Certo dia chegaram rumores a sua porta: -Maria, cuidado! O fazendeiro Domingues tá de olho nas suas terras, sussurrou o vizinho Joaquim, aflito. Maria ergueu o rosto, firme. Que ele olhe quanto quiser, a terra tem dono, e essa aqui é minha. Não demorou para a ameaça virar realidade. Numa tarde abafada, três homens, à cavalo, apareceram. Desceram com olhares duros, chapéus cobrindo os rostos e armas na cintura. -Maria, disse o mais velho, cuspiendo no chão, o patrão acha melhor a senhora vender logo essa chácara. Tá oferecendo um bom dinheiro. Se não quiser, pode se arrepender. Maria respirou fundo, o coração acelerado. Seus filhos observavam de longe, assustados. Mas ela não recuou. Digam ao patrão de vocês que Maria não vende o que é dela. Se ele quiser briga, vai ter. Mas eu não tenho medo. Os capangas riram, debochados, e foram embora. Mas o recado estava dado. Naquela noite, Maria reuniu os filhos e o marido em volta da mesa. Eles querem nossas terras, mas a gente não*

*vai entregar. Vamos lutar, nem que seja na justiça. E assim fez. Foram meses de batalha, idas à cidade, papéis, audiências, ameaças veladas. O fazendeiro Domingues, rico e influente, achava que seria fácil derrubar uma mulher simples. Mas Maria não estava só. Sua coragem inspirou os vizinhos. Sua firmeza fortaleceu os filhos e sua fé sustentou cada passo. No tribunal, diante do Juiz, ela falou com voz firme, sem tremer. Essas terras são minhas. Aqui plantei, aqui criei meus filhos. Não vou permitir que um homem rico e ganancioso roube o suor de uma vida inteira. O silêncio tomou a sala. O fazendeiro, vermelho de raiva, bateu o punho na mesa, mas já era tarde. A decisão saiu em favor de Maria. Quando voltou para casa, com o documento nas mãos, os filhos a receberam em festa. O choro se misturava à alegria. Maria abraçou cada um deles e olhou para o céu, agradecida. A gente venceu. Essa terra é nossa, e vai continuar sendo. E assim, a história de Maria correu pela região. A mulher que enfrentou um poderoso fazendeiro, não com armas ou dinheiro, mas com coragem, justiça e fé.*



<https://italospagliari.jusbrasil.com.br/noticias/159525916/o-brasil-nao-tem-mais-latifundios-sra-katia>

Charge disponível em: <https://app.estuda.com/questoes/?id=388253>

## Eu Vou Curar (Raquel Olliver, 2021)

Não sou indiferente com a sua dor  
Eu sei das marcas que a vida te deixou  
Ouço teu grito dizendo: Eu desisto  
Está doendo, mas estou contigo

E essa dor não vai paralisar você  
E muito menos destruir a sua fé  
Não ceda agora  
Não pense em parar  
Tem algo novo que está pra chegar

Eu vou curar seu interior  
A depressão não vai te matar  
Eu te conheço por dentro  
Eu te vejo como ninguém vê

Eu vou curar seu interior  
E as feridas eu vou sarar  
Depois de tudo que te aconteceu  
Você sobreviveu, pois eu estava lá

Não sou indiferente com a sua dor  
Eu sei das marcas que a vida te deixou  
Ouço teu grito dizendo: Eu desisto  
Está doendo, mas estou contigo

E essa dor não vai paralisar você  
E muito menos destruir a sua fé  
Não ceda agora

Não pense em parar  
Tem algo novo que está pra chegar

Eu vou curar seu interior  
A depressão não vai te matar  
Eu te conheço por dentro  
Eu te vejo como ninguém vê

Eu vou curar seu interior  
E as feridas eu vou sarar  
Depois de tudo que te aconteceu  
Você sobreviveu, pois eu estava lá

Mesmo com tantas batalhas  
Lutas e guerras travadas  
Eu não vou deixar você parar, não  
Eu vou curar sua alma  
Então mantenha a calma  
Que essa fase vai passar

Eu vou curar seu interior  
A depressão não vai te matar  
Eu te conheço por dentro  
Eu te vejo como ninguém vê

Eu vou curar seu interior  
E as feridas eu vou sarar  
Depois de tudo que te aconteceu  
Você sobreviveu, pois eu estava lá

Depois de tudo que te aconteceu

Você sobreviveu, pois eu estava lá  
Eu estava lá

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/raquel-oliver/eu-vou-curar/>

### **Memórias:**

(Magno, 34 anos) - *Um pouquinho sobre minha história de vida. Nascido no Rio de Janeiro, em 1991, a minha infância foi muito sofrida devido aos vários e vários problemas de saúde, das quais em uma delas eu quase morri. Aos 2 anos de idade, eu tive uma forte convulsão e logo em seguida desmaiei e tive que ir, as pressas, para o hospital. Mais ao chegar no hospital fui logo atendido e logo fiquei bom, daí com passar dos anos tive mais e mais problemas de saúde no ano de 2009 eu contrair em meus testículos uma enfermidade chamado de: Hidroceli a qual segundos os médicos ela com passar dos anos se formaria em um grande tumor que seria um câncer que iria se espalhar em meu corpo todo e eu só teria apenas 2 a 3 meses de vida no máximo, e os médicos desse que a única solução para esse grande problema é optar para uma cirurgia que poderia perder todos os testículos ou ficar com essa enfermidade Hidroceli que mais tarde iria se agravar e virar um câncer, o médico me deu essas 2 escolhas depois de eu ouvir isso dele fiquei muito desesperado e não pensei 2 vezes e logo optei pela cirurgia a qual ocorreu tudo bem por pouco não perdi os meus testículos mais sim essa enfermidade conseguiu ser tirada de mim. E no ano de 2010 foi um dos piores momentos de minha vida por conta da recuperação que foi muito*

*dolorosa e longa pois não conseguia andar, ou fazer as minhas necessidades direito tinha que ser acompanhado por alguém pois eu nunca imaginei que passaria por isso mais infelizmente estava passando ,pois eu sofri muito nesse ano mais só que no ano de 2010 me recuperei desse grave e terrível enfermidade pois ela conseguir me livrar dela e no mesmo ano contrair uma grave doença no intestino a qual os médicos não descobriam o que era uns falavam que tinha ansiedades, outros falavam que era normal, e outros falavam que não sabiam o que era por que todos os exames não mostrava nenhuma doença então eu passei 14 anos da minha vida convivendo com essa doença que todos os dias, horas, etc, acabava comigo aos poucos pois eu não tinha nenhuma paz para: tomar café , almoçar, jantar, ou até mesmo sair na rua. Devido de em todos os lugares onde eu ia eu passava mal com uma disenteria a qual passava mal varias e varias vezes era um sofrimento já procurei por minha cura em mais de 20 médicos e o que eu tive como respostas de cada um deles foi as mesmas palavras de sempre que era:(não tem cura.) então já se passava 14 anos nesse sofrimento de querer comer ou beber alguma coisa sem passar mal e foi assim nesses anos de sofrimento em todos os momentos e lugares onde eu estava sendo no dojo do meu Atemi - waza karatê - jitsu a qual eu diariamente passava mal devido a esse grave problema de saúde que me atormentava todos os dias mais eu nunca desistir da minha cura já fui em todos os lugares para ter a minha cura e eu só*

*tive as palavras: (não tem cura) ai de tanto sofrimento, e desespero, passei por depressão e eu não tive a alternativa a não ser agir pela (fé) e foi no final do ano de 2023 em que eu passei muito mal tanto que eu tive que sair de casa deitado em uma maca de um ambulância do Samu as pressas para o hospital pois naquela sexta – feira eu achei que realmente era o meu fim mais só que naquele momento eu orei pra nosso poderoso Deus e fui curado.*

*(Maria Rosa, 68 anos) - Eu gostaria de fazer um livro sobre minha vida. Sofri muito para chegar até aqui. Eu tenho muita saudade do tempo em que eu era ainda criança, e também quando era jovem em 1977. Resolvi buscar uma solução para a minha vida financeira, e também ajudar minha família. Meu sonho era trazer meu pai, minha mãe e meus irmãos para vir morar aqui no Rio de Janeiro. Mas o meu sonho foi frustrado. Nesta época, tudo era mais fácil. Eu estava decidida a buscar eles para morar aqui no Rio de Janeiro comigo, mas foi só um sonho. Trabalhei um bom tempo, conheci um rapaz, começamos a namorar e nos casamos. Tivemos quatro filhos maravilhosos. A minha filha é professora de gastronomia. Um filho é pedreiro, concerta moto, e também é serralheiro. O outro meu filho é vendedor. E o outro filho é muito responsável com as coisas dele. Há 10 anos ele luta artes marciais. Tenho também dois netos. Hoje sou muito feliz com a família que tenho. O senhor Deus é bom a todo tempo. É só crê e confiar, que o mais ele fará.*



Charge disponível em: <https://blogabpe.org/2018/12/17/deus-nos-livre/>

## Trem-Bala (Ana Vilela, 2017)

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si  
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti  
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria  
voz

É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós

É saber se sentir infinito  
Num universo tão vasto e bonito, é saber sonhar  
Então fazer valer a pena  
Cada verso daquele poema sobre acreditar

Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que  
venceu

É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu  
É sobre ser abrigo e também ter morada em outros  
corações  
E assim ter amigos contigo em todas as situações

A gente não pode ter tudo  
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?  
Por isso, eu prefiro sorrisos  
E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim

Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de  
comprar  
E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar  
Também não é sobre correr contra o tempo pra ter  
sempre mais

Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás

Segura teu filho no colo  
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui  
Que a vida é trem-bala, parceiro  
E a gente é só passageiro prestes a partir

Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá  
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá

Segura teu filho no colo  
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui  
Que a vida é trem-bala, parceiro  
E a gente é só passageiro prestes a partir

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/ana-vilela/trem-bala/>

### **Memórias:**

*(Iraudy, 49 anos) - Com o avanço da Ciência e da Tecnologia, penso que o mundo já vinha passando por grandes mudanças, e com a chegada da pandemia da COVID 19, em 2020, esse processo foi acelerado afetando a maioria dos postos de trabalho, como por exemplo, escritórios que colocaram seus funcionários para trabalhar remotamente de suas residências, e em muitos casos isso continua até os dias atuais. Mudou também as relações de consumo, com pessoas reclusas e tendo que comprar por meios digitais, sites e apps, fazendo crescer rapidamente os e-commerces, aumentando a necessidade de criar mais empresas de logística. Antes da pandemia eu ia*

*até os fornecedores comprar material de trabalho, hoje em dia eu já não tenho essa necessidade, pois compro 98% do que preciso pela internet, e inclusive fora do país. Compro desde produtos para o meu trabalho, para casa, de uso pessoal e etc.*

*(Luzitânia, 31 anos) - A vacina que me trouxe esperança. No ano de 2021, durante o período da pandemia, eu vivi momentos difíceis, onde vi um vírus tirar a minha liberdade e de toda a população. Perdemos o direito de ir e vir. Pra mim, foram dias de angústia, medo e incerteza. Angustia por ver tudo o que estava acontecendo. Medo de perder pessoas queridas. E a incerteza se a solução ia chegar. E ela veio, como resultado direto da ciência: A Vacina. Lembro quando começou as aplicações das primeiras doses. Ali surgia o sentimento de esperança e eu aguardava ansiosa para chegar a minha vez. Graças à vacinação eu pude voltar a minha rotina normal, e pude voltar a abraçar minha família sem medo. Hoje vejo o quanto à tecnologia e a ciência mudaram o rumo da história, não só do mundo, mas a da minha própria família.*



Charge disponível em: <https://sindmetal.org.br/charge-da-semana-25/>

## **Coração de Estudante (Milton Nascimento, 2002)**

Quero falar de uma coisa  
Adivinha onde ela anda  
Deve estar dentro do peito  
Ou caminha pelo ar

Pode estar aqui do lado  
Bem mais perto que pensamos  
A folha da juventude  
É o nome certo desse amor

Já podaram seus momentos  
Desviaram seu destino  
Seu sorriso de menino  
Quantas vezes se escondeu

Mas renova-se a esperança  
Nova aurora a cada dia  
E há que se cuidar do broto  
Pra que a vida nos dê flor  
Flor e fruto

Coração de estudante  
Há que se cuidar da vida  
Há que se cuidar do mundo  
Tomar conta da amizade

Alegria e muito sonho  
Espalhados no caminho  
Verdes, planta e sentimento

Folhas, coração, juventude e fé

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/milton-nascimento/47421/>

### **Memórias:**

(Iraldy, 49 anos) - *Ir à escola é muito importante para obter e expandir nosso conhecimento, nos preocupando com questões da vida que em outro momento não se observava ou não se tinha conhecimento. Ser participativo sem se preocupar em errar, afinal de contas estamos em um local de aprendizado, e isso faz parte do processo. Sempre usamos a frase: “-xi professor, não sei não... ”, mais eles, nossos professores estão ali, prontos a nos ajudar e nos estimular. Fiquei muito feliz em participar do Chá Literário promovido em nossa Escola, fazer parte da Oficina de Poesia, pois sempre ouvi falar dela, mais nunca tinha parado pra observar de perto a beleza da poesia que pode transmitir, pensamentos, sentimentos, visão de mundo, experiências de vida e etc. A poesia mexe com nossa mente e sentimentos, nos fazendo refletir e nos emocionar a partir do que o escritor quer nos falar por meio dela.*

(Valdeci, 49 anos) - poesia:

*Na escola da EJA eu vim buscar  
Um livro de vida, um sonho a voar  
Aprendo com mestres, com sabedoria  
Guiam meus passos com luz e alegria*

*No pátio descansa o pé de tamarindo  
Sombra macia, abraço bem vindo*

*E no jardim floresce a canção  
De pássaros livres e borboleta*

*Tudo na escola é canto e emoção  
Cada lição uma estrela na mão  
Aqui o futuro começa a brilhar  
No aprender que nos faz caminhar*

*O professor é arquiteto do saber  
Seu dom maior é fazer crescer  
Com paciência, ternura e paixão  
Constrói esperanças no coração*

*Exemplo que inspira, semente que guia  
Sua presença é força e poesia  
Na sala de aula com dedicação  
Encantam os mestres com devoção*



Charge disponível em: [www.ivancabral.com/2009/03/charge-do-dia-nota-baixa.html](http://www.ivancabral.com/2009/03/charge-do-dia-nota-baixa.html)

**Asas para a EJA (Paródia da música Asa Branca,  
José Normando & Roberto Brandão, 2025)**

Quando eu me vi sem estudar  
O não direito à educação  
Eu protestei e questioneei: Ai  
Por que tamanha violação?  
Eu protestei e questioneei: Ai  
Por que tamanha violação?

Que besteira, que bobagem  
Nem busca ativa garantirá  
Fechando escola, perdemos turmas  
E o povo fica, sem estudar  
Fechando escola, perdemos turmas  
E o povo fica, sem estudar

Hoje stresse, muitos tiros  
Numa triste condição  
Política amarga que a escola senti  
No dia-a-dia de operação  
Política amarga que a escola senti  
No dia-a-dia de operação

Inté mesmo aqui no Rio  
Enfrentamos evasão  
Entonce eu disse: EJA é direito  
Guarda contigo esse refrão  
Entonce eu disse: EJA é direito  
Guarda contigo esse refrão

Quando o povo se inflamar  
 Esperançar em multidão  
 Eu te asseguro, não espere não, viu?  
 Que o movimento, viu, revolução?  
 Eu te asseguro, não espere não, viu?  
 Que o movimento, viu, revolução?

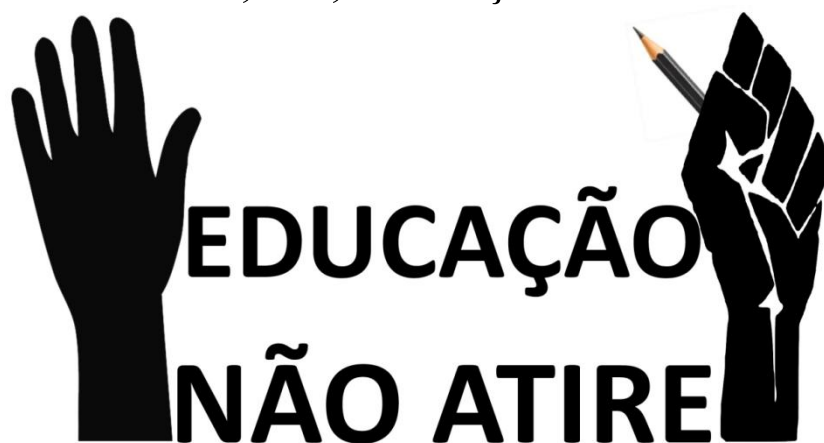


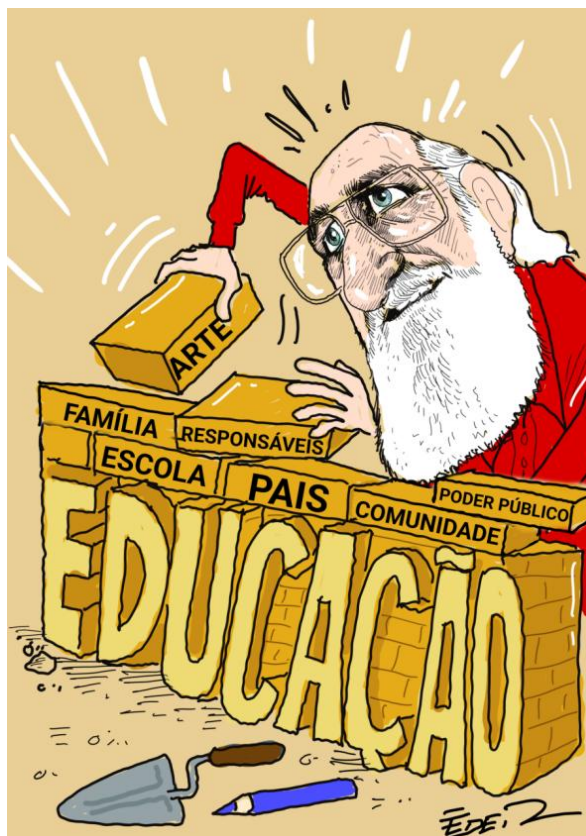
Imagem criada por Roberto Brandão e estampada em uma camisa, como protesto pelos numerosos<sup>10</sup> dias de operação policial na Maré



Foto: fachada do Ceja Maré

<sup>10</sup> Em 2024 foram 42 operações policiais, conforme dados do Boletim DIREITO À SEGURANÇA PÚBLICA NA MARÉ: EDIÇÃO ESPECIAL IMPACTOS DA VIOLÊNCIA ARMADA NA EDUCAÇÃO, disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.redesdamar.e.org.br/media/downloads/arquivos/Boletim\\_Seguranca\\_Publica\\_20.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.redesdamar.e.org.br/media/downloads/arquivos/Boletim_Seguranca_Publica_20.pdf)

## Para continuar a conversa



Charge disponível em: <https://correiodoestado.com.br/correio-b/no-dia-internacional-da-educacao-conheca-um-pouco-sobre-o-conceito/447344/>

Através desses registros, foi possível expressar nossos sentimentos, lembranças, conhecimentos e expressões artísticas, individuais e coletivas, de forma leve e descontraída. Assim, julgamos importante continuar nossas jornadas de reflexão e ação, diante de nossas próprias histórias reais de vida, bem como conhecer/ler outras escrituras da EJA, sejam de outros turnos (tarde e noite) de nossa própria escola, sejam de outras escolas de EJA, sejam até de outros países.

Socialize conosco suas escrevivências. Que músicas marcaram sua vida e/ou te fizeram refletir sobre ela? Escreva suas memórias e/ou reflexões a partir dessas músicas. Vamos pensar juntos(as), o que faremos com essas memórias e/ou reflexões.

E convidamos, aos que desejam retornar aos estudos, que tragam suas memórias e seus saberes até uma instituição pública de EJA. EJA é direito!

Os Autores

## **Autores**

Anderson Gomes Barbosa  
Antônio Pedro Nunes Neves  
Diva Tavares da Conceição Silva  
Eduardo de Almeida Santana  
Érida Sobreira  
Eterna Maria Pereira Duarte  
Geralda Paulino Araújo de Albuquerque  
Iracilda de Souza Barbosa  
Iraldy Andre  
José dos Santos Normando  
Luciana de Oliveira  
Lucinda de Jesus Rodrigues  
Luzitânia Pereira de Oliveira  
Magno Ribeiro do Nascimento  
Maria Cristina da Silva  
Maria Eunice de Souza  
Maria Rosa Ribeiro do Nascimento  
Roberto Eduardo Albino Brandão  
Thaynara da Silva Pereira  
Valdeci Santana dos Santos

ISBN: 978-65-01-79582-9

**CDL**



9 786501 795829

